

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

A PERCEÇÃO DAS COMPETÊNCIAS PARENTAIS POR
PAIS E FILHOS: FATORES DETERMINANTES

Susana Catarina Ribeiro do Espírito Santo Lalande

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

(Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica)

Coimbra, 2012



A PERCEÇÃO DAS COMPETÊNCIAS PARENTAIS POR PAIS E FILHOS: FATORES DETERMINANTES

Susana Catarina Ribeiro do Espírito Santo Landa

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Clínica (Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica)

Orientador (a): Professora Doutora Carolina Henriques, Professora Adjunta na Escola
Superior de Saúde de Leiria, Instituto Politécnico de Leiria

Coimbra, Outubro de 2012

A Percepção

"Apenas em águas tranquilas as coisas se refletem sem distorção. Apenas em uma mente tranquila está a percepção adequada do mundo."

(Hans Margolius)

"Aprecie as pequenas coisas, pois um dia você pode olhar para trás e perceber que elas eram grandes coisas."

(Robert Brault)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças à disponibilidade e colaboração de todos os pais e crianças que investiram e permitiram a recolha de dados, a todos eles um Muito Obrigado.

Não posso esquecer o apoio que foi dado pelos centros de estudo que me acolheram e me incentivaram, nomeadamente ao Atelier dos Saberes, à Oficina dos Saberes, VRadical, Frases Soltas, ao Fraldinhas, ao Jardim da Isabel e ao ATL do Moinho de Vento um Muito Obrigado.

Os intervenientes na construção deste trabalho são muitos, quer pelo seu papel ativo, quer pelo apoio e coragem que me foram transmitindo, por isso não posso deixar de agradecer à Professora Doutora Carolina Henriques que sempre me apoiou e acreditou no projeto, mesmo quando a coragem e as forças me faltavam.

À Professora Doutora Maria Canavarro, da Universidade de Psicologia de Coimbra, que se disponibilizou de imediato para me auxiliar nos instrumentos utilizados. Muito obrigado a sua disponibilidade, simplicidade e compaixão reiteraram a minha crença na bondade e na partilha científica.

Ao Hugo que, tantas noites, passou a meu lado a organizar questionários e a incentivar-me, sem ti este trabalho teria sido demasiado solitário.

Aos meus pais que de um modo sublime acreditam em mim e nas minhas competências. Acima de tudo um obrigado por respeitarem quem sou e continuarem sempre a meu lado.

Não posso esquecer a minha querida prima, Ana Isabel, que sem perceber muito bem rapidamente se disponibilizou para me auxiliar. Não esqueço a tua demanda.

Aos meus colegas de mestrado, Andreia, Rita, Hugo e Lília, com vocês nunca estive sozinha ou desamparada, mostraram-me que juntos e unidos é mais fácil enfrentar os desafios.

RESUMO

O termo parentalidade tem evoluído com os estudos que foram sendo desenvolvidos na área, na sua maioria pretendem compreender como as crianças percebem as competências parentais dos seus progenitores e qual o comportamento da criança em função do estilo educativo exercido. Para avaliar e analisar a parentalidade é necessário conhecer a comunidade onde se insere a família, sendo já amplamente discutida a influência do meio e contexto no comportamento e na percepção que temos de nós e do outro.

O presente estudo propôs-se a entender quais os fatores sociodemográficos e comportamentais que podem condicionar o exercício das competências parentais. Constitui-se como um estudo descritivo-correlacional, com uma amostra não probabilística aleatória por conveniência, com 62 pais de crianças com idade compreendidas entre os 6 e os 11 anos e frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no Distrito de Leiria.

Para responder ao objetivo inicial foram utilizados os seguintes instrumentos: para a percepção das competências parentais recorreu-se às escalas EMBU-P e EMBU-C, para avaliar a ansiedade nos pais foi aplicado o Inventário de Ansiedade de Beck (IAB) e finalmente, o questionário sociodemográfico que pretendia identificar características da amostra (residência, idades, empregabilidade, escolaridade, frequência de ATL, rotinas familiares).

Os resultados obtidos evidenciam que os pais percebem fornecer um elevado suporte emocional aos filhos, que é coincidente com o sentido pelas crianças. Sendo de destacar que quando os pais exercem uma tentativa de controlo ou rejeição, o seu índice de ansiedade tendem a aumentar antevendo uma relação entre ambas as variáveis. Outro resultado com relevância estatística significativa é a relação entre a percepção da sua competência parental e o número de filhos que têm. Destaca-se, ainda, que existem dados sociodemográficos que apresenta uma relação estatisticamente significativa com o exercício da competência parental, como o rendimento mensal do agregado, a existência de irmãos e a subescala de tentativa de controlo.

Palavras-chave: *Parentalidade, Determinantes, Competências Parentais.*

ABSTRACT

The term parenting has evolved along with the studies in this field, and most of them aim to understand how children perceive their parents' parenting skills as well as the child's behaviour depending on the style of education. To evaluate and analyse parenting it is also necessary to know the community, as we are aware of the influence of the environment on the behaviour and perception of ourselves and the people next to us.

This study aims to understand which sociodemographic and behavioural factors might influence the performance of parenting skills. It is a descriptive-correlational study with a non-probabilistic sample, randomly chosen, with 62 parents, whose children are not only aged 6-11 years but also attending the primary school in the District of Leiria.

In order to respond to the initial goal we used the following instruments: the scales EMBU-P and EMBU-C were used to perceive parenting skills, Beck's Anxiety Inventory (BAI) was used to assess parents' anxiety, and finally, the sociodemographic questionnaire was used to identify the characteristics of the sample (residence, ages, employment, education, ATL (after-school activities), family routines).

The results show that parents believe they provide a high emotional support to their children, which is coincident with the children's opinion. It is also important to mention that whenever parents attempt to control or reject, their level of anxiety tends to increase, foreseeing a relationship between both variables. Another result presenting significant statistic relevance is the correlation between parents' perception of their parental competence and the number of children they have. Finally, it is worth mentioning that there are sociodemographic data that show a statistically significant correlation with parental competence, such as the monthly income of the household, the existence of siblings and the control subscale.

Keywords: *Parenting, Determinants, Parenting Skills.*

ÍNDICE

PARTE I	Introdução	10
1.	A Parentalidade	11
2.	Dimensões da Parentalidade	12
3.	Determinantes da Parentalidade.....	15
4.	Fatores Determinantes na Perceção das Competências Parentais: Alguns Estudos Empíricos.....	18
PARTE II	Contribuição Pessoal.....	22
1.	Materiais e Métodos	22
1.1.	Tipo de Estudo	22
1.2.	Objetivos de Investigação.....	23
1.3.	Questões de Investigação.....	24
1.4.	Hipóteses.....	24
1.5.	População e Amostra.....	25
1.6.	Instrumento de Colheita de Dados	26
1.7.	Procedimentos formais e éticos.....	28
1.8.	Análise estatística.....	29
2.	Apresentação e Análise dos Dados	30
2.1.	Análise Descritiva	31
2.2.	Análise Inferencial	38
3.	Discussão de Resultados.....	43
	Conclusão	51
	Bibliografia.....	54
	Anexo I – Autorização para Colheita de Dados.....	57
	Anexo II – Autorização dos Pais para Colaboração no estudo.....	59
	Anexo III – Autorização da Autora para uso das Escalas.....	61
	Anexo IV – Escalas EMBU-P e EMBU-C.....	64

Anexo V – Questionário Sociodemográfico.....	69
Anexo VI – Inventário de Ansiedade de Beck.....	76

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Teste da Normalidade (Kolmogorov-Smirnov)	30
Tabela 2: Caracterização da amostra face à idade	31
Tabela 3 : Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos dos progenitores	32
Tabela 4 : Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos e pessoais dos progenitores	33
Tabela 5 : Caracterização da amostra face à idade	34
Tabela 6 : Caracterização da amostra face aos dados sociodemográficos da Criança....	34
Tabela 7 : Caracterização da amostra face aos dados de atividades da Criança	35
Tabela 8 : Caracterização da amostra face aos horários e rotinas da Criança.....	36
Tabela 9 : Caracterização da amostra face às competências parentais (referente ao Pai) percebidas pelas crianças	37
Tabela 10 : Caracterização da amostra face às competências parentais (referente à Mãe) percebidas pelas crianças	37
Tabela 11 : Caracterização da amostra face às competências parentais percebidas pelos progenitores	38
Tabela 12 : Caracterização da amostra face ao nível de ansiedade	38
Tabela 13 : Resultados da aplicação da Correlação de Spearman entre a percepção das competências parentais dos pais e o nível de ansiedade	39
Tabela 14 : Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais dos pais e a sua escolaridade.....	40
Tabela 15 : Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais dos pais e o rendimento mensal do agregado familiar	41

Tabela 16: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais relativamente ao pai pelas crianças (Embu-C_Pai) e a sua escolaridade	41
Tabela 17: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais relativamente à Mãe pelas crianças (Embu-C_Mãe) e a sua escolaridade	42
Tabela 18: Resultados da aplicação do Teste U de Mann-Whitney entre a perceção das competências parentais pelos Pais (Embu-P) e a existência de outros filhos (irmãos).....	43

LISTA DE SIGLAS

ATL – Centro de Atividades e Tempos Livres

σ - Desvio Padrão

EMBU- C – Escala de Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo do Pai e da Mãe

EMBU-P – Escala de Percepção Materna sobre o seu Estilo Educativo Parental

EUA – Estados Unidos da América

IAB – Inventario de Ansiedade de Beck

Md – Mediana

Mo – Moda

Nº – Frequências Absolutas

% - Frequências Relativas

Rho - Coeficiente de Correlação de Postos de Spearman

SPSS - Programa Statistical Package for Social Sciences

$\bar{X}$ – Média

χ^2 - Teste do Qui-Quadrado

Xmax – Valor máximo

Xmin – Valor mínimo

PARTE I INTRODUÇÃO

A parentalidade é entendida pela comunidade científica como: o educar, desenvolver de uma criança, o que implica a existência e manutenção de uma relação entre duas gerações.

Os vários estudos que têm sido apresentados na área da parentalidade pretendem constituir-se como um auxílio na elaboração de programas de formação parental, com um objetivo claro, de identificar fatores de risco que coloquem em causa o exercício de uma parentalidade positiva (Lopes, Catarino & Dixe, 2010ab). Belsky (1984) afirma que a parentalidade e a forma como é exercida estão relacionadas com três fatores, que influenciam as competências parentais, tais como, as características individuais da criança, as características individuais dos progenitores e, finalmente, o meio e o contexto onde a família se insere. O autor defende que as características individuais do progenitor (narrativa de vida) são determinantes para a sua qualidade enquanto educador. A forma como se aceita a individualidade de um filho está relacionada com a vivência enquanto criança de cada indivíduo.

Outros autores, destacam a relevância do contexto alargado, afirmando que a cultura, o apoio da vizinhança, o emprego dos pais e existência de recursos na comunidade, influenciam a satisfação e qualidade da parentalidade (Houseknecht & Hango, 2006).

A comunidade científica focou-se nos efeitos da parentalidade, isto é, no que as crianças ou jovens adultos sentem, mediante os estilos e estratégias educativos parentais utilizados, no seu seio familiar. Contudo, poucos foram os estudos que tentaram compreender de que forma outros fatores condicionam o exercício das competências parentais, e, como estas são sentidas pelos progenitores.

O presente estudo procura constituir-se como uma mais-valia na área da parentalidade, particularmente, no que concerne à percepção das competências parentais pelos pais e criança e perceber qual a correlação com os fatores demográficos e fatores comportamentais sentidos pelos progenitores. Traduz-se, efetivamente, num estudo descritivo e correlacional, com uma amostra de 62 famílias, incluindo crianças entre os 6 e os 11 anos, residentes no distrito de Leiria.

O trabalho de investigação estrutura-se em duas partes, sendo a primeira, responsável pela revisão de literatura e pelo enquadramento teórico do tema do estudo. A segunda parte compreende os materiais e métodos, os resultados e a discussão de resultados.

Terminaremos com uma conclusão que pretende reunir, de um modo sucinto, os resultados da presente pesquisa e uma reflexão sobre o processo de elaboração deste trabalho.

Os estudos analisados e apresentados, no decurso deste trabalho de investigação, procuram evidenciar e refletir sobre a relevância de alguns fatores e de que forma influenciam ou determinam os estilos educativos parentais.

O passado faz parte das nossas vidas e, muitas vezes, para compreendermos quem somos, temos de aceitar e compreender o que vivenciamos, em algumas situações temos de construir e organizar a nossa história de vida, sem esquecer que o meio que nos rodeia condiciona as nossas ações e decisões. Assim, é importante compreender até que ponto o meio nos influencia e determina o nosso comportamento, perante o outro.

1. A Parentalidade

A palavra “parentalidade” deriva do verbo latino *parere* que significa, trazer ao mundo, desenvolver ou educar, o que deixa antever que a construção de uma relação entre uma geração (pais) e a segunda (filhos) com um objetivo expresso. Importa ainda salientar que esta relação se baseia em laços de afetividade que dão a conhecer a família como um elemento de socialização e com responsabilidades parentais ao nível do desenvolvimento de capacidades e competências da criança. Esta ideia está patente na Convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990), no seu artigo 27º.

A definição de parentalidade nem sempre se revelou consensual, contudo atualmente é entendida como o conjunto de “atividades propositadas no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança” (Hoghugh, 2004, p. 5), num ambiente seguro (Reader, Duncan, & Lucey, 2005), que propicie a sua socialização e a torne progressivamente mais autónoma (Maccoby, 2000). No quotidiano é frequente ouvir pais a conversarem sobre a dificuldade da parentalidade, os autores Holden (2010) e Kane (2005) descrevem e confirmam como sendo uma das tarefas mais complexas e com maior responsabilidade para um ser humano. A parentalidade assume-se como o apoio, o controlo, a modelação, as lições morais e as instruções diretas que os pais dão aos filhos para que possam potenciar o desenvolvimento das competências básicas (Barroso & Machado, 2011). Estas serão essenciais para ultrapassar todas as dificuldades com que se possam deparar no seu ciclo de desenvolvimento (Bornstein, 2002).

Desta forma, Reader, Duncan e Lucey (2005) referem que os critérios de uma parentalidade “suficiente” são socialmente construídos e aceites, por uma determinada

cultura. Este ponto permite compreender que o conceito de parentalidade tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo, uma vez que os critérios avaliativos de uma parentalidade “suficiente” dependem diretamente de crenças culturais, impressões subjetivas ou de preocupações inerentes ao contexto (Maitra, 2005). Em suma, se a conceção de parentalidade é variável de cultura para cultura, também as práticas e os estilos educativos variam em função do contexto cultural e da comunidade onde a família se insere (Holden, 2010). O autor salienta estas duas áreas como sendo as que apresentam maiores diferenças nos objetivos de socialização e ao nível das distâncias interpessoais.

Todavia alguns estudos e vários investigadores concordam que existe um sistema de crenças culturais que parece ser comum ou a base do conceito de parentalidade, onde as dimensões e tarefas estruturais próprias da relação pais-filhos tendem a ser similares (Holden, 2010).

2. Dimensões da Parentalidade

A parentalidade e o comportamento parental são guiados por processos afetivos e cognitivos, que diferem de cultura para cultura. Contudo, alguns estudos sobre a parentalidade conseguiram encontrar áreas comuns à cultura e que presentemente, se constituem como áreas essenciais em diversos modelos teóricos. Darling e Steinberg (1993) identificam três áreas, capazes de determinar os processos e a forma de como os estilos parentais influenciam o desenvolvimento das crianças, são elas: os *valores e objetivos parentais*, as *práticas educativas parentais* e o *estilo educativo parental*, ou seja o clima emocional em que a socialização ocorre.

De acordo com Rodrigo e Palacios (2008), os valores correspondem aos processos cognitivos parentais que engloba as expectativas, as crenças, pensamentos, ideias e percepções que os pais têm e desenvolvem sobre o crescimento dos seus filhos e respetiva educação. Os objetivos parentais estão relacionados com o que os pais desejam para os seus filhos e, por isso tendem a estar hierarquizados num conjunto de objetivos a alcançar pelas crianças que incluem a sobrevivência básica até ao respeito pelo outro e pelos valores culturalmente aceites e defendidos pela comunidade de pertença. As práticas educativas parentais definem-se como comportamentos específicos orientados por objetivos, através dos quais os pais cumprem as suas responsabilidades parentais em contextos específicos (Holden, 2010). Assim, as práticas educativas são conhecidas como estratégias educativas ou de socialização, que incluem técnicas utilizadas pelos pais para orientar o comportamento das crianças.

Darling e Steinberg (1993) defendem que as práticas e os estilos educativos parentais são influenciados pelos valores e pelos objetivos que os pais possuem para os seus filhos. Outra dimensão de igual importância é a afetividade que se relaciona e integra a componente cognitiva, desta forma os estilos educativos parentais constituem-se como um conjunto de atitudes parentais que incluem as práticas educativas e a dimensão afetiva, ou seja, a relação que existem entre progenitor e crianças é determinante nas práticas educativas escolhidas.

Desta forma, é perceptível que os estilos educativos parentais comunicam à criança uma vertente emocional, em particular o modo como os pais se sentem em relação aos seus comportamentos. Darling e Steinberg (1993) salientam que o estilo educativo parental compreende as atitudes dos pais para com as crianças e a forma como as atitudes são transmitidas aos filhos. O comportamento parental é desta forma condicionado pela relação emocional existente.

Assim, a avaliação dos estilos educativos parentais contemplam três componentes: a relação emocional entre a criança e os pais, os comportamentos e as práticas dos pais e os sistemas de crenças dos progenitores, que se inserem numa comunidade e num contexto específico (Darling & Steinberg, 1993).

No que concerne ao comportamento parental, os mais recentes estudos da parentalidade têm evidenciado duas dimensões primordiais: *Suporte/Afeto* (afeto – hostilidade) e *Controlo* (permissividade – restritividade) (Darling & Steinberg, 1993). A dimensão *Suporte/Afeto* engloba os comportamentos dos pais que contribuem para que a criança se sinta aceite enquanto pessoa, pelo contrário a dimensão do *Controlo* inclui os comportamentos escolhidos pelos pais para orientar e guiar o comportamento da criança, naquilo que é desejável. Será um equilíbrio saudável entre ambas as dimensões que permitirá uma socialização eficaz da criança (Grusec & Ungerer, 2003).

Estas dimensões são reconhecidas por inúmeros estudos e instrumentos de avaliação da parentalidade, como a Escala de Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo do Pai e da Mãe (EMBU-C) e a Escala de Percepção Materna sobre o seu Estilo Educativo Parental (EMBU-P), ambas utilizadas neste estudo (Canavarro & Pereira, 2007).

A presença de *suporte/afeto parental* exprime-se por um comportamento terno e responsivo face à criança, sendo assim demonstrada pela expressão de afeto positivo, o uso do reforço positivo, da aceitação da criança, da vinculação e da sensibilidade às necessidades emocionais e físicas, em oposição à presença de rejeição e criticismo (Barber, 2006).

Rohner (2004) desenvolve uma teoria sobre a dimensão *suporte/afeto* (*Parental Acceptance Theory*) que assenta no princípio primordial da necessidade básica da criança se

sentir amada e aceite pelas pessoas mais importantes na sua vida, em detrimento de que a rejeição conduzirá a uma predisposição de desenvolver problemas de integração.

Esta teoria tem vindo a ser reforçada por diversos estudos e autores que concluem que a dimensão *suporte/afeto* se relaciona com o desenvolvimento da criança aos mais diversos níveis, como a capacidade de a criança adotar os valores da comunidade como seus. Desta forma, um estilo educativo parental de suporte/afeto promoverá a autoestima, a competência cognitiva e social da criança, menos problemas de comportamento e a uma maior capacidade de adaptação a situações distintas (Michiels et al, 2010). Em sentido inverso, num estilo educativo parental associado à rejeição e ao controlo, a criança tenderá a manifestar mais problemas de internalização e externalização e a existir uma vinculação menos segura (Pereira, Canavarro, Cardoso & Mendonça, 2009).

A segunda dimensão, *controlo*, visível no comportamento parental visa um conjunto de estratégias que têm como objetivo promover o cumprimento das regras e normas sociais, pelo que se constitui como uma dimensão essencial para a socialização da criança. Barber (2006) defende a existência de dois tipos de controlo distintos e, por isso na sua opinião e de outros autores merecem ser estudados e distinguidos, são o controlo comportamental e o controlo psicológico. O controlo comportamental é entendido como as ações dos pais com o intuito de controlar ou gerir o comportamento da criança, por forma a corrigir eventuais comportamentos entendidos como inadequados, através da disciplina e supervisão. Importa ainda salientar dois tipos de técnicas, aquelas que são utilizadas antes do comportamento inadequado e visam a orientação e a alteração do comportamento da criança e, as segundas são aplicadas a após o comportamento inapropriado, entendidas como corretivas, onde se observam as técnicas de afirmação de poder, de retirada de afeto e as sugestivas (Barber, 2006).

O controlo psicológico corresponde ao uso de técnicas de manipulação de emoção, que não identificando as necessidades emocionais da criança, podem comprometer a sua individualidade, identidade e autonomia (Balser, 2006). A este tipo de controlo psicológico estão associados problemas de formação de personalidade, níveis baixos de bem-estar, problemas de comportamento (oposição e hostilidade) e baixa autoestima (Balser, 2006). Assim o controlo comportamental centra-se no comportamento da criança, ao contrário do controlo psicológico que incide sobre um controlo dos processos psicológicos da criança.

Assim, podemos dizer que é compreensível o destaque do clima emocional onde ocorrem as práticas educativas, como dimensão do estilo educativo parental, uma vez que o

envolvimento e a relação entre o progenitor e a criança influenciam diretamente o seu desenvolvimento (Pereira et al, 2009).

O estilo educativo parental influencia as práticas educativas e resulta da combinação de duas áreas: a sensibilidade dos pais face às necessidades da criança, a aceitação da sua individualidade e do afeto que lhe expressam e o tipo de disciplina e estratégias de controlo utilizadas (Palacios, Hidalgo & Moreno, 2008). De acordo com Baumrind (1967) foram identificados três padrões de estilos parentais, com base na dimensão de controlo. O estilo autoritário caracterizado por muito controlo e uma baixa afetividade, onde se inseriam crianças inibidas e inseguras. O estilo autorizado/democrático onde os pais evidenciam um alto nível de exigência, de controlo e de encorajamento de autonomia aliada a um alto nível de carinho e com recurso ao raciocínio na comunicação com os filhos, donde se destacam crianças competentes. Finalmente, o estilo permissivo descrito como tendo um nível razoável de afetividade aliado a um baixo nível de exigência e controlo, onde as crianças se revelam imaturas.

Os estudos de Baumrind (1967) permitem verificar que o estilo educativo parental mais vantajoso para o desenvolvimento saudável e equilibrado da criança será o autorizado/democrático onde apesar de existir um nível de controlo e de exigência, este aliado a um clima emocional equilibrado e adequado permitem que a criança se desenvolva a nível emocional, social e cognitivo. Estas características parentais promovem a assertividade, a responsabilidade, a auto confiança, a satisfação, a internalização e o auto controlo essenciais para que a criança se desenvolva e evolua. Os estilos autoritários e permissivos revelam não ser vantajosos para o desenvolvimento psicossocial da criança (Baumrind, 1967).

Assim, uma parentalidade competente ou eficaz é descrita pela utilização de um estilo educativo parental autorizado/democrático que se adapte às necessidades e características de uma criança, onde o enfoque passe pela leitura emocional da criança, pelo seu reconhecimento afetivo e aceitação da sua individualidade.

3. Determinantes da Parentalidade

Este capítulo procura, nos mais diversos estudos científicos, compreender a razão de certos indivíduos aparentarem ser mais adequados no exercício da parentalidade positiva, enquanto outros revelam mais dificuldades. A resposta a esta questão teria resultados e impacto ao nível da prevenção e da intervenção, pelo que os investigadores procuram incessantemente uma conclusão (Holden, 2010).

Importa, então, compreender que o termo *determinante* se refere a qualquer fator sociodemográfico e psicológico que se correlaciona com o comportamento parental, podendo ser utilizado para prever o estilo educativo parental. De acordo com Belsky e Jafée (2006), existem inúmeros fatores determinantes do comportamento dos pais, donde se destacam circunstâncias individuais, históricas e sociais que combinadas influenciam o comportamento dos progenitores. Avaliando e estudando o comportamento dos pais, de acordo com o paradigma biopsicossocial, Belsky e Jafée (2006) procuram compreender o porquê de os pais atuarem de certa forma, ou seja, procuram compreender a razão e o pilar do comportamento parental. No seguimento do paradigma biopsicossocial, diversos são os autores, que indicam que o estilo educativo parental decorre de variáveis ambientais. Outros defendem a variável genética, como Plomin e Crabbe (2000) que alertam com os seus estudos que a vertente biológica não poderá ser descurada quando estudamos e analisamos o comportamento parental.

Contudo, a vertente socio-contextual e ecológica de quem conduz a maioria dos estudos na área parental, elege-a como um determinante do comportamento parental responsável. No estudo de Belsky e Jafée (2006), a parentalidade é diretamente influenciada por três determinantes: *os fatores individuais dos pais* (e.g., personalidade), *as características individuais da criança* (e.g., temperamento) e *os fatores do contexto social alargado* onde a relação pais-criança se insere (e.g., profissão dos pais, rede de suporte social, relação marital, etc). Estes três fatores fazem parte da história de desenvolvimento dos progenitores, pressupondo então que a personalidade do sujeito sucede ao seu percurso de vida do adulto, às relações que estabelece e à ocupação profissional que tem e, que influencia diretamente o seu processo de exercício da parentalidade com consequências diretas no desenvolvimento infantil da criança. Na mesma linha de influência, importa sublinhar que as relações maritais estabelecidas, o funcionamento das redes sociais são direta ou indiretamente, condicionadas pelo funcionamento psicológico dos pais, ou seja, pela narrativa de vida de cada um (Belsky & Jafée, 2006).

As características da criança constituem-se como um determinante, importante e relevante no exercício da parentalidade, alguns estudos indicam que um temperamento difícil por parte da criança (e.g., irritabilidade elevada, inquietude elevada) tende a suscitar nos pais um comportamento menos adequado, com maior hostilidade e, em algumas ocasiões, com menor sensibilidade às necessidades da criança (Huh, Tristan, Wade & Stice, 2006). Apesar deste indicador poder condicionar o comportamento parental, Belsky (1984), sublinha

que mais importante que as características da criança, é a compatibilidade entre as características da criança e dos seus pais que influenciam o estilo educativo parental.

Outro determinante que tem sido estudado com maior incidência, integra as características individuais dos pais em que são apontados certos fatores da personalidade dos sujeitos que poderão facilitar a parentalidade (Belsky & Jafee, 2006). Desta forma um progenitor que apresente poucos traços de neuroticismo e níveis razoáveis de amabilidade, de sociabilidade e de responsabilidade poderá prover um padrão educativo de maior suporte e estimulação intelectual.

Bugental e Happaney (2004) defendem que a personalidade do progenitor condiciona a parentalidade através das atribuições, ou seja, os indivíduos tendem a desenvolver esquemas cognitivos e afetivos com base na sua experiência de vida, estes serão os responsáveis pelas expectativas que o pai tem acerca do comportamento da criança e pela resposta apresentada face ao comportamento infantil. Torna-se assim evidente que a própria experiência do que foi ser criança e todo o crescimento, influenciam diretamente o comportamento dos pais, os seus traços de personalidade.

O terceiro determinante engloba os fatores socio contextuais, onde se incluem a ocupação profissional, a rede de suporte social e as características da comunidade onde a família se insere e que serão responsáveis por determinados comportamentos na atividade parental (Belsky & Jafee, 2006). Aqui sublinha-se a importância da relação marital, isto é, se a relação for conflito e fonte de stress tenderá a ter um impacto negativo no desenvolvimento físico e psicológico da criança (Houseknecht & Hango, 2006). Ao nível da empregabilidade os estudos indicam que a influência da condição de emprego desempenha um impacto no desenvolvimento da criança, sendo o desemprego um fator de risco e um preditor de ocorrência de abusos físico em menores (Coohey, 2006). Outro elemento que se destaca é a coesão entre os membros da comunidade e a presença de uma rede de suporte social como um fator de prevenção de ambientes perigosos e de risco (Freisthler, Merritt & LaScala, 2006). Em síntese é possível verificar que o contexto onde a família se insere possui um papel importante no desempenho da parentalidade, adquirindo o papel de apoio e de prevenção.

Os estudos revelam que uma congruência entre as características da criança, dos seus pais e do meio promovem a estabilidade parental e das crianças, com uma diminuição efetiva do stress da vida quotidiana. Belsky (1984) define que uma parentalidade ótima é fruto de um estado dinâmico que varia em função de três fatores determinantes (características da criança, do progenitor e do meio) do comportamento parental. Este autor aponta ainda que o fator determinante mais essencial, serão as características parentais, seguidas do fator meio e

contexto e por ultimo as características da criança. Belsky afirma que um bom funcionamento da parentalidade estará assegurado se as características dos progenitores (personalidade) forem estáveis, ainda que os outros fatores revelem instabilidade.

Forehand e Kotchick (2002) numa análise crítica ao estudo de Belsky, apontam e destacam a importância do meio, da cultura e do contexto social em que se insere a família no desempenho do comportamento parental. Sublinham que existem fatores externos à família como a pobreza, a fraca rede de suporte social, os recursos da comunidade que poderão colocar em causa uma ótima parentalidade. Na mesma linha de pensamento, alguns estudos realçam a importância da cultura e crenças como elementos que poderão condicionar as competências e os comportamentos julgados básicos para o desenvolvimento da criança (Forehand & Kotchick, 2002). Assim a cultura afeta de modo direto o comportamento parental, determinando as competências parentais e da criança que são consideradas essenciais para o sucesso e para a própria sobrevivência (Ogbu, 1995).

Em suma, os estudos apresentados apontam para a existência de três determinantes da parentalidade, sendo que uma parentalidade positiva e saudável será fruto de um equilíbrio e uma estabilidade entre ambos. Existirão momentos em que a instabilidade será inevitável, contudo a capacidade dos pais em lidar com adversidades será crucial para restabelecer a harmonia. A parentalidade apresenta-se então, como um teste ao progenitor que através da sua narrativa conseguirá um bom ou menos bom desempenho.

4. Fatores Determinantes na Percepção das Competências Parentais: Alguns Estudos Empíricos

No âmbito da ansiedade das competências parentais Respler-Herman, Mowder, Yasik e Shamah (2012) procuraram avaliar a parentalidade relacionada com o stress parental e com o suporte social, pelo que colocou as seguintes questões de investigação: Será que o stress parental e o suporte social influenciam as crenças parentais em relação à importância do comportamento parental? Será que o suporte social media a relação entre o stress parental e as crenças parentais em relação à importância dos comportamentos parentais?

O estudo apresenta-se como um estudo descritivo e correlacional, já que procura estabelecer relações entre variáveis (Fortin, 2003). A sua amostra foi constituída por 87 famílias com crianças a frequentar o pré-escolar e o 1º ciclo, importa ainda sublinhar que se trata de crianças que frequentam o ensino privado ou pequenas escolas na zona dos subúrbios da costa Este do Estados Unidos da América (EUA). Os resultados obtidos indicam que, de

um modo geral, um decréscimo do stress parental está associado a percepções positivas da parentalidade, enquanto o aumento do stress parental está relacionado com percepções negativas da sua parentalidade. Em síntese, a percepção que os pais têm do seu desempenho influencia o stress que sentem no exercício das suas funções parentais.

Alho e Henriques (2011), conduziram um estudo do tipo quantitativo, transversal e correlacional, com o intuito de determinar a influência dos estilos parentais educativos percecionados pelos progenitores e pelas crianças, na manifestação de ansiedade na criança. A sua amostra foi constituída por crianças e pais que frequentavam a consulta de Psicologia do Centro Hospitalar do médio Tejo (CHMT), com cerca de 100 participantes. Como instrumentos para recolha de dados as investigadoras utilizaram a EMBU-C e EMBU-P de modo a compreender e avaliar as percepções das competências parentais pela criança e pelo progenitor. Os resultados obtidos evidenciam que quanto mais baixos os valores de suporte emocional concedido pelos pais, maior é a ansiedade manifesta na criança. Por outro lado, quanto maior forem os índices de rejeição e tentativa de controlo refletidos pelos progenitores e percecionada pelas crianças, maior será o nível de ansiedade manifesta na criança.

Fentz, Arendt, O'Toole, Rosenberg e Hougaard (2011) realizam um estudo com o objetivo de avaliar o estilo educativo parental percecionado numa amostra clinica de pacientes com perturbações de ansiedade diversas, comparando o grupo “ansioso” (com diagnostico) com um grupo de controlo (estudantes de psicologia). Desta forma estamos perante um estudo comparativo e descritivo, com uma amostra dinamarquesa de 504 pacientes com diagnóstico na perturbação da ansiedade e 210 alunos de psicologia no grupo de controlo. Os resultados obtidos revelaram que o grupo “ansioso” percecionou os seus pais (Pai e Mãe) como menos atenciosos e com um baixo índice de suporte emocional, adiantam ainda que o Pai é compreendido como um maior controlador (Rejeição e Tentativa de Controlo), quando comparado com o grupo de controlo. Os investigadores concluem assim que os sintomas de depressão estão mais relacionados com percepções negativas do estilo educativo parental, que os sintomas de ansiedade que sugerem ambos os grupos (ansioso e de controlo). Este estudo distingue-se dos outros, pelos resultados não apoiarem as teorias de que o controlo parental constitui um fator de risco para o aparecimento de perturbações de ansiedade.

Também em 2011, surge um estudo que se propôs a analisar a relação entre os vários estilos educativos parentais e a perturbação de ansiedade e de comportamento nas crianças (Mellon & Moutavelis, 2011). O estudo constitui-se por definição dos autores como um estudo exploratório, sendo considerado o primeiro da sua área, implicou uma amostra de

1520 crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, que frequentavam escolas públicas nas zonas urbanas e suburbanas de Atenas e Piraeus (Grécia). Os resultados apresentados permitem concluir que sintomas de ansiedade e problemas de comportamento estão associados a fatores de controlo e de rejeição, os autores chamam a atenção que não será o controlo parental, mas o comportamento de controlo aversivo que está especificamente relacionado com questões de distúrbios de ansiedade e de comportamento, enquanto controlo parental com reforço positivo não se relaciona com ansiedade excessiva. Em suma, os autores revelam que os estilos educativos parentais mais autoritários e com recurso ao reforço negativo (leia-se agressividade) aumentam a possibilidade de as crianças desenvolverem problemas de comportamento e ansiedade.

Ainda no seguimento dos estudos que procuram relacionar os estilos educativos parentais e a ansiedade infantil, será importante mencionar que Reitman e Asseff (2010) que pretendeu através das percepções das competências parentais de jovens, explicar a relação entre controlo parental/concessão de autonomia, rejeição/aceitação e traços de ansiedade. O estudo classifica-se como sendo descritivo e correlacional, por tentar cruzar e verificar algumas relações entre as variáveis. A sua amostra tinha idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, sendo composta por 200 famílias, cujos filhos frequentavam a universidade nos EUA. Os seus resultados indicam que tanto para filhos e filhas, as percepções de controlo materno e de aceitação paterno têm uma forte relação com a ansiedade sentida pelos estudantes. Tal indica que os estilos educativos parentais diferem de género para género, mas sugerem ainda que a combinação de um controlo materno com a aceitação pelo pai, poderá gerar ansiedade nos estudantes.

Pereira, Canavarro, Cardoso e Mendonça (2009) realizaram um estudo longitudinal, com uma amostra portuguesa de 519 crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos, sendo que o seu objetivo de estudo era identificar a existência de padrões nos estilos educativos parentais e analisar a relação entre os diferentes padrões de comportamento parental e problemas de comportamento num grupo de crianças em idade escolar. Inicialmente obtiveram uma amostra de 519 crianças, que no segundo momento de avaliação se reduziu para 220 participantes. Os resultados permitiram identificar pelo menos quatro modelos de comportamentos dos pais: baixo suporte, apoiante-controlador, rejeitante-controlador e apoiante – “*supportive*”. Sendo de destacar que em ambos os momentos de avaliação os modelos de baixo suporte e rejeitante-controlador revelaram estar associados a mais problemas de comportamento, que os padrões educativos de apoiantes e apoiantes-controladores. Estes dados são congruentes com a teoria de Belsky (1984) que defende que a

influência das características dos progenitores e o modo exercem a sua parentalidade tem um efeito direto no desenvolvimento físico e psicológico da criança.

Outro estudo descritivo relevante é o de Lopes, Catarino e Dixe (2010a) que pretendeu identificar áreas ou situações de maior stress para os progenitores, concluindo as situações mais difíceis e de maior stress são referenciadas por pais com dois ou mais filhos, também questões de saúde das crianças foram relatadas como momentos de grande stress na parentalidade.

Em 2010 (b) é publicado o estudo correlacional de Lopes, Catarino e Dixe que se propôs a relacionar os fatores sociodemográficos com as estratégias parentais mais utilizadas no exercício parental, tendo concluído que pais de filho único revelam adotar estratégias de maior procura de suporte do exterior, isto é, os pais apresentam mais solicitações ao meio e/ou técnicos para exercício da sua parentalidade. Outro pormenor sociodemográfico que se revela pertinente é o local de residência da família, ou seja, pais que vivem na cidade revelam adotar menos estratégias de procura de suporte que os que residem na aldeia. O terceiro fator determinante no exercício parental é a empregabilidade dos pais, isto é, as autoras concluem que os pais empregados tendem a desenvolver estratégias de procura de suporte, ou seja, solicitam ajudam do meio.

PARTE II CONTRIBUIÇÃO PESSOAL

1. Materiais e Métodos

A investigação em Ciências em Sociais é pautada por um método rigoroso e autêntico que lhe permite o estudo de fenómenos sociais (Quivy, 1998). Desta forma o procedimento ocupa um espaço considerável no desenvolvimento de um estudo, já que permite de um modo quase instantâneo que o investigador, ou autor, organize os seus pensamentos e os clarifique, delineando um caminho para alcançar os seus objetivos.

De acordo com Quivy (1998, p. 25) o procedimento constitui-se como “uma forma de progredir em direção a um objetivo”, para tal é necessário que os métodos sejam flexíveis e adaptáveis ao estudo do autor. Contudo para que as suas conclusões sejam válidas para a comunidade científica é necessário que o procedimento científico seja seguido, já que sem ele as conclusões não terão validade externa.

O capítulo de Materiais e Métodos inicia-se com a apresentação do tipo de estudo (subcapítulo 1.1), seguida da exposição dos objetivos da investigação e das questões de investigação (subcapítulo 1.2 e 1.3), resultantes dos objetivos de estudo anteriormente expostos. No subcapítulo 1.4 são apresentadas as hipóteses, posteriormente são expostas considerações metodológicas sobre a população e a amostra (subcapítulo 1.5) que constitui o estudo. Os instrumentos de colheita de dados estão descritos no subcapítulo 1.6, onde se destaca a sua aplicação e composição. Finalmente o capítulo de Materiais e Métodos conclui-se com a explicação de procedimentos formais e éticos (subcapítulo 1.7) que foram sendo considerados e realizados no decorrer do estudo, bem como a caracterização da análise estatística que se adapta e adequa ao estudo (subcapítulo 1.8).

1.1. Tipo de Estudo

O presente trabalho além de se enquadrar nas características de um estudo quantitativo, simultaneamente apresenta-se como um estudo descritivo-correlacional, na medida em que pretende explorar e determinar a existência de relações entre variáveis, com o intuito de as descrever (Fortin, 2003). De acordo com Fortin (2003) o principal objetivo de um estudo descritivo-correlacional é a descoberta de fatores ligados a um determinado fenómeno, permitindo que o investigador explore as relações entre as variáveis e selecione aquelas que estão relacionadas ao fenómeno, ou seja, aquelas se evidenciam como sendo responsáveis pelo objetivo do estudo.

No que concerne à colheita de dados, verificamos que o nosso estudo se classifica como um estudo transversal, uma vez que os instrumentos são aplicados num determinado momento não havendo lugar a nova recolha de dados junto da amostra. Segundo com Quivy (1998), o estudo transversal é caracterizado pelos dados serem recolhidos num determinado espaço de tempo, especificamente para a obtenção de informações desejadas de grandes populações, sendo que esta é uma das pretensões deste estudo.

1.2. Objetivos de Investigação

Quivy (1998) refere que a investigação em Ciências Sociais reflete um procedimento específico e rigoroso, que possui a plasticidade de ser concebido para determinado estudo. Desta forma o investigador deverá possuir a capacidade de conceber e delinear o seu método ou procedimento de investigação. Cada trabalho ou investigação no campo das ciências sociais adquire assim, um estilo único e uma marca do seu autor, que ao longo do seu trabalho tem uma “liberdade” e responsabilidade na construção do seu método científico.

Um dos passos do procedimento identificado por Quivy (1998) e sublinhado por Fortin (2003) é o estabelecimento dos objetivos a que o estudo se propõe a estudar. De acordo com Fortin (2003, p.100) o objetivo do estudo é *“um enunciado declarativo que precisa das variáveis-chave, da população alvo e da orientação da investigação”*. O objetivo constitui-se como o elemento primordial da investigação, sendo o responsável pela orientação de todo o trabalho e com a busca incessante pela resposta ao *“porquê”* do mesmo. Em complemento, as questões de investigação especificam os aspetos a estudar (Fortin, 2003). A descrição de fatores, a exploração e a examinação de relações são explícitas no objetivo do trabalho, de modo a esclarecer e indicar o caminho a que o estudo do fenómeno se propõe.

Os objetivos propostos nesta investigação são os seguintes:

1. Conhecer as características sociodemográficas dos pais e das crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no distrito de Leiria;
2. Determinar a percepção das crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no Distrito de Leiria sobre as competências parentais dos seus pais;
3. Determinar a percepção dos pais das crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no Distrito de Leiria, sobre as suas próprias competências parentais;
4. Analisar a relação existente entre a percepção das competências parentais dos pais e das crianças, com as características sociodemográficas destes e a ansiedade sentida pelos pais no exercício das suas competências parentais em famílias com crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico no Distrito de Leiria;

1.3. Questões de Investigação

As questões de investigação são grande importância para o estudo, já que explicitam o objetivo do estudo, esclarecem as variáveis envolvidas e para as quais o investigador se propõe a encontrar ligações ou respostas. Na sequência do objetivo as questões de investigação surgem com o intuito de precisar as variáveis, especificar os aspetos a estudar e determinar os métodos a serem utilizados para encontrar uma resposta (Fortin, 2003). Para Fortin (2003, p.101), uma questão de investigação “é um enunciado interrogativo, escrito no presente que inclui habitualmente uma ou duas variáveis e a população a estudar”.

Neste estudo definimos as seguintes questões de investigação:

1. Quais são as características sociodemográficas dos pais e das crianças que frequentam as escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, no distrito de Leiria?
2. Qual é a percepção das crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no distrito de Leiria sobre as competências parentais dos seus pais?
3. Qual é a percepção dos pais das crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no Distrito de Leiria, sobre as suas próprias competências parentais?
4. Qual é a relação existente entre a percepção das competências parentais dos pais e das crianças, com as características sociodemográficas destes e a ansiedade sentida pelos pais no exercício das suas competências parentais em famílias com crianças do 1º ciclo do Ensino Básico, no distrito de Leiria?

1.4. Hipóteses

A hipótese diferencia-se das questões de investigação por conseguir estabelecer previsões dos resultados do estudo, que irão confirmar e validar, ou não, a hipótese (Fortin, 2003). Desta forma é possível verificar e concluir que a hipótese é o resultado da combinação do problema e do objetivo do estudo, constituindo-se desta forma como uma predição dos resultados esperados (Quivy, 1998).

De acordo com Fortin (2003) as hipóteses podem ser classificadas em categorias, sendo nomeadas quatro: hipótese simples ou complexa; direcional ou não direcional; associação, de causalidade e estatística ou investigação. No seguimento desta classificação, é possível afirmar que o presente estudo tem uma hipótese simples e uma hipótese complexa, sendo ambas não direcionais. A hipótese simples deseja prenunciar uma relação entre a percepção das competências parentais e o nível de ansiedade que é sentido pelos pais. A hipótese complexa pretende predizer uma relação de causalidade entre três, ou mais variáveis,

enquanto a hipótese não direcional visa a expressão de uma eventual relação entre variáveis, uma vez que a recolha bibliográfica não indicia qual a direção da relação em estudo.

Assim foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

H1 – Existe correlação estatisticamente significativa entre a percepção das competências parentais dos pais e o nível de ansiedade sentida pelos progenitores das crianças que frequentam o 1º Ciclo do ensino Básico, no distrito de Leiria;

H2 – Existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção das competências parentais das crianças e dos pais e algumas características sociodemográficas das famílias das crianças que frequentam o 1º Ciclo do ensino Básico, no distrito de Leiria;

1.5. População e Amostra

De acordo com Fortin (2003) o processo de seleção pelo que um grupo de pessoas ou um subconjunto escolhido para participar num estudo é denominado de amostragem. Este método permite que se selecione um grupo de pessoas que seja representativo da população que se relaciona com o fenómeno em estudo.

Para o presente estudo definiu-se como população alvo as crianças e os seus pais (família) que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no distrito de Leiria, recorrendo a amostragem não probabilística aleatória por conveniência, tendo em conta os seguintes critérios de inclusão:

Crianças	Ter entre 6 e 11 anos de idade;
	De ambos os sexos;
	Frequentar o 1º Ciclo de uma escola no distrito de Leiria;
	Participar voluntariamente na investigação;
	Ter a capacidade de responder de forma escrita ou oral ao instrumento de investigação.
Pais	Filho/a a frequentar o 1º Ciclo do ensino Básico de uma escola no distrito de Leiria;
	Ter entre os 25 e 48 anos de idade;
	De ambos os sexos;
	Possuir a escolaridade obrigatória (no mínimo);
	Participar voluntariamente na investigação;
	Ter a capacidade de responder de forma escrita ou oral ao instrumento de investigação.

1.6. Instrumento de Colheita de Dados

No presente capítulo debruçamo-nos sobre a importância dos instrumentos de colheita de dados, Fortin (2003) afirma que a escolha do método está relacionada com as variáveis e a hipóteses que são colocadas. Neste âmbito foi construído um questionário que procurou descrever as características sociodemográficas da amostra. Sendo de referir que o questionário está estruturado em duas partes, uma referente aos dados sociodemográficos do progenitor, outra aos dados sociodemográficos da criança (Anexo V).

Com o intuito de compreender as relações entre as variáveis foram ainda aplicadas as seguintes escalas de medida: Inventário de ansiedade de Beck (IAB), a Escala de Percepção Materna sobre o seu Estilo Educativo Parental (EMBU-P) e a Escala de Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo Parental do Pais e da Mãe (EMBU-C).

- **Inventário de Ansiedade de Beck (IAB)**

No sentido de avaliar os níveis de ansiedade dos pais participantes no presente estudo, foi aplicado o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI, de Beck, Epstein, Brown & Steer, 1988, versão portuguesa IAB de Quintão, 2010). Trata-se de uma escala de 21 itens que permite medir a intensidade da ansiedade auto reportada pelos indivíduos, consistindo em afirmações descritivas de sintomas de ansiedade que são classificados numa escala de Likert de 4 pontos (de 0 a 3), na seguinte correspondência: “Nunca” (0 pontos); “Suavemente, mas não me incomodou” (1); “Moderadamente, por vezes foi desagradável” (2); “Severamente, aborreceu-me muito” (3). A cotação desta escala é realizada com base na soma das classificações atribuídas a todos os 21 itens, sendo a pontuação máxima 63 pontos. De acordo com o manual BAI de 1993, a interpretação dos resultados tem por base as seguintes classificações: de 0 a 7 – “Grau mínimo de ansiedade”; de 8 a 15 – “Ansiedade suave”; de 16 a 25 – “Ansiedade moderada”; e de 26 a 63 – “Ansiedade severa”. Esta escala está publicada em diversas revistas de investigação pelo que se prescindiu da autorização do seu autor.

- **Escala de Percepção Materna sobre o seu Estilo Educativo Parental (EMBU-P)**

A escala EMBU-Pais de Castro, Pablo, Gómez, Arrindel & Toro, 1997, versão Portuguesa de Canavarro & Pereira (2003) difere da seguinte, por pretender avaliar os estilos parentais de acordo com a percepção dos próprios pais. A sua aplicação é bastante acessível sendo preenchida pelo sujeito a quem se destina, o que permite ao investigador obter uma

resposta mais fiel que lhe permitirá avaliar a perspectiva de “quem está dentro da relação” (Canavarro & Pereira, 2007). A versão original sueca da EMBU, desenvolvida por Perris e seus colaboradores em 1980, é de um dos instrumentos de autorrelato mais divulgado e utilizado no estudo dos estilos parentais educativos (Canavarro & Pereira, 2007). A validação da escala para a população portuguesa ocorre em 2007, verificando-se existência de três fatores *Suporte Emocional*, *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*. O primeiro refere-se ao comportamento manifestado pelos pais relativamente à criança, este será responsável por a criança se sentir acolhida, aceite e confortável na presença dos pais. O segundo fator relata o comportamento dos pais que procuram a mudança da vontade da criança, que conduzirá a um sentimento de rejeição de si próprio. A terceira dimensão define o comportamento dos pais em orientar o comportamento da criança, de acordo com as expectativas dos pais (Canavarro & Pereira, 2007).

Esta escala possui um total de 42 itens que se agrupam de acordo com os três fatores identificados. A resposta deverá ser escolhida em função do comportamento do pai / mãe face à criança, sendo que 1 corresponde “*Não, nunca*”, 2 equivale a “*Sim, às vezes*”, 3 condiz a “*Sim, frequentemente*” e o número 4 significa “*Sim, sempre*”, sendo pedido à mãe que identifique as atitudes e comportamentos que tem tido em relação ao seu filho escolhendo, entre 4 alternativas possíveis, a resposta que melhor reflita o comportamento que teve ou tem para com o seu filho. O EMBU-P é constituído por 3 escalas: *suporte emocional*, *rejeição* e *tentativa de controlo*. A escala de *suporte emocional* (itens 1, 10, 16, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 32, 36, 40, 41, 42) pretende avaliar os estilos educativos caracterizados pela expressão verbal e física de suporte afetivo dos pais, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos pais. A escala de *rejeição* (itens 2, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 25, 31, 33, 34, 35, 37, 38) contempla os itens que avaliam os estilos educativos em que os pais manifestam hostilidade/agressão verbal e física e não-aceitação da criança. A escala de *tentativa de controlo* (itens 3, 6, 7, 9, 15, 19, 23, 24, 26, 29, 39) reúne os itens referentes aos estilos educativos em que os pais empreendem tentativas de controlar o comportamento das crianças, demonstrações de exigência e de grande preocupação em relação ao bem-estar dos filhos (Canavarro & Pereira, 2007).

A sua validação foi conduzida por Canavarro & Pereira, em 2007, com recurso a uma amostra de 287 pais e 401 mães de 442 crianças que frequentavam o 3º e 4º ano de escolaridade do ensino básico de escolas de diferentes áreas/zonas geográficas do país. Canavarro e Pereira (2007) sublinham a importância da contextualização cultural do comportamento parental, sendo fulcral conhecer o significado específico de determinados

comportamentos parentais para que possam ser devidamente avaliados e compreendidos. Os resultados do estudo de Canavarro & Pereira (2007) revelam que os comportamentos associados à *Rejeição* na amostra portuguesa se associam mais vezes com comportamentos ligados à dimensão de *Tentativa de Controlo*.

- **Escala de Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo Parental do Pais e da Mãe (EMBU-C)**

O EMBU-Crianças de Castro, Pablo, Gómez, Arrindel & Toro, 1997, versão Portuguesa de Canavarro & Pereira (2003), pretende avaliar a percepção das crianças têm dos estilos parentais dos seus progenitores. O seu preenchimento é de autoadministração, ou seja, é a criança que responde diretamente ao questionário, havendo lugar a esclarecimentos de dúvida caso se justifique e seja solicitado. Este instrumento constitui-se como um dos mais utilizados na avaliação retrospectiva dos estilos parentais educativos, apresentando um total de 32 itens. As dimensões da escala estão organizadas em três fatores *Suporte Emocional*, *Rejeição e Tentativa de Controlo* (Canavarro & Pereira, 2007). O primeiro fator Suporte Emocional apresenta 14 itens e refere-se à disponibilidade afetiva e física dos pais, à comunicação dos afetos e a comportamentos que manifestam a aceitação da criança pelos pais. Outra dimensão a Rejeição é avaliada por 8 itens que revelam a hostilidade física e verbal dos pais para com a criança, bem como comportamentos de rejeição. Finalmente a terceira dimensão, a Tentativa de Controlo é identificada por 10 itens que identificam comportamentos dos pais que procuram controlar o comportamento da criança, a adesão do comportamento da criança às expectativas dos pais com recurso a técnicas de aliciamento e culpa, e, por fim, comportamentos de superproteção (Canavarro & Pereira, 2007).

Na versão original a escala possui 81 itens que se encontravam divididos em quatro dimensões, contudo com a validação da escala para a população portuguesa por Canavarro e Pereira (2007), apenas três fatores se revelaram significativos. As autoras sublinham a importância do contexto cultural aquando da adaptação da escala, sendo este o fator responsável pela existência dos três fatores na EMBU-C (6-12) para a população portuguesa.

1.7. Procedimentos formais e éticos

A investigação científica faz parte da evolução da história e do conhecimento humano, pelo ao longo dos tempos revelou-se necessário que estas investigações fossem dirigidas e realizadas com princípios, permissões e com ética. Esta constitui-se assim como um conjunto de leis e preceitos provenientes de normas e um sistema de valores que visam orientar os

julgamentos, as atitudes e os comportamentos das sociedades (Fortin, 2003). Os estudos que envolvem a participação direta de pessoas levantam questões éticas, já que levantam questões sobre os direitos fundamentais como o direito à sua autodeterminação, o direito à intimidade e o direito ao anonimato e à confidencialidade (Fortin, 2003).

Para se proceder à recolha de dados nos Centros de Estudos e ATL's (Centro de Atividades e Tempos Livres) foi remetido um pedido ao Sr. Diretor do Centro de Estudos que estavam a laborar com crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no distrito de Leiria (Anexo I), onde se explicava o objetivo da recolha de dados, qual a origem desta necessidade e finalmente com a garantia do investigador de confidencialidade dos dados obtidos. A resposta dos Diretores dos Centros de Estudos ao investigador foi transmitida oralmente, pelo não houve registo escrito da mesma.

Para os participantes (crianças 6-11 anos) iniciou-se uma sessão de esclarecimento, que antecedia o preenchimento do questionário, onde os objetivos do estudo foram abordados e com a explicação da confidencialidade dos dados e do direito à autodeterminação. Fortin (2003) relembra que os menores não possuem, do ponto de vista legal e ético, competência para dar o seu consentimento, sendo necessário o consentimento dos seus pais. Aos participantes (pais) foi enviado o consentimento informado por escrito onde estavam descritos os objetivos do estudo e a garantia da confidencialidade dos dados, que posteriormente seria devolvido e assinado caso concordassem e acessem a colaborar com este estudo (Anexo II). É de salientar que a recolha de dados se iniciou no mês de Maio, tendo-se prolongado até finais de Julho de 2012.

Importa sublinhar que toda a informação e dados recolhidos no âmbito deste estudo, seria apenas utilizada para o estudo em questão, sendo assegurada pela investigadora a confidencialidade e o anonimato das respostas fornecidas. Como tal os instrumentos de avaliação não possuíam qualquer campo que solicitasse ao participante a sua identificação. No que concerne ao uso das escalas EMBU-C e EMBU-P, a sua permissão foi fornecida por escrito pela autora (Anexo III). As escalas EMBU-C e EMBU-P possuem um campo “*Código de Criança*” que permitiu à investigadora a união e correspondência de pais e filhos (Anexo IV). Os pais preencheram um questionário com questões sociodemográficas (Anexo V) e o Inventário de Ansiedade de Beck. (Anexo VI).

1.8. Análise estatística

Finda a recolha de dados, importa iniciar o tratamento dos dados recolhidos, tratando-se de uma investigação descritiva por “*o comportamento das variáveis medidas as relações que*

possam existir entre elas são desconhecidas do investigador” (Fortin, 2003, p. 276). Para tratamento dos dados estruturados, recorreu-se à estatística descritiva e correlacional, através do Programa Statistical Package for Social Sciences 19,0 for Windows (SPSS for Windows).

De acordo com Fortin (2003) a utilização de uma estatística de descritiva permite descrever as características da amostra e caracterizar as relações entre duas ou mais variáveis. Desta forma para sistematizar os resultados foram utilizadas três medidas estatísticas, as Medidas de Tendência Central, onde se inclui a Média ($\bar{X}$), a Moda (Mo), a Mediana (Md), as Medidas de Dispersão (Desvio Padrão - σ) e as Medidas de Frequência, representadas pelas Frequências Absolutas (n°) e Relativas (%), o valor máximo ($X_{\max.}$) e o valor Mínimo ($X_{\min.}$) dependendo dos dados em questão.

Para analisar os resultados das hipóteses em análise recorreu-se ao teste da normalidade (teste de Kolmogorov-Smirnov) das variáveis dependentes, competências parentais dos pais (EMBU_P) e das crianças (EMBU-C), o que apresentou para a maioria das suas dimensões uma distribuição não normal ($p < 0,05$), tendo nós optado pelo uso de testes estatísticos não paramétricos (tabela 1).

Tabela 1: Teste da Normalidade (Kolmogorov-Smirnov)

Competências parentais dos pais (EMBU_P) e das crianças (EMBU-C)	Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
Suporte Emocional EmbCPai	0,151	61	0,001	0,875	61	0,000
Rejeição EmbCPai	0,216	61	0,000	0,887	61	0,000
Tentativa Controlo_EmbCPai	0,106	61	0,087	0,908	61	0,000
Suporte Emocional EmbCMãe	0,115	61	0,045	0,960	61	0,045
Rejeição EmbC Mãe	0,220	61	0,000	0,766	61	0,000
Tentativa Controlo EmbCMãe	0,099	61	0,200	0,976	61	0,287
Suporte Emocional EmbuP	0,091	61	0,200	0,960	61	0,042
Rejeição EmbuP	0,131	61	0,011	0,956	61	0,030
Tentativa Controlo EmbuP	0,098	61	0,200	0,980	61	0,420

2. Apresentação e Análise dos Dados

No presente capítulo procedemos à apresentação dos resultados que serão alvo de uma análise detalhada dos mesmos, que são fruto de um tratamento estatístico dos dados recolhidos.

2.1. Análise Descritiva

A análise descritiva caracteriza-se por procurar revelar e identificar as características de um objetivo específico (Fortin, 2003), pelo que começamos por descrever e destacar as características sociodemográficas dos progenitores e seguidamente das crianças. Posteriormente, mencionamos a percepção das competências parentais pela criança, a percepção das competências parentais pelos pais e, finalmente, mensuramos a ansiedade sentida pelos progenitores.

- **Caracterização Sociodemográfica dos Progenitores:**

Pela análise dos dados obtidos, observamos que a média dos progenitores das crianças que participaram no nosso estudo (N=62) é de 39,24 anos ($\sigma=2,86$), com um valor mínimo (Xmin.) de 32 anos e um valor máximo (Xmax.) de 47 anos de idade (tabela 2).

Tabela 2: Caracterização da amostra face à idade

Idade	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	39,24	39,00	40,00	2,86	32,00	47,00	62

Observamos que 88,7% (n=55) dos progenitores que responderam ao questionário foram mães, sendo que participaram no estudo 11,3% (7) progenitores do sexo masculino. Verifica-se que a maioria dos progenitores participantes nesta investigação são casados (80,6%; n°=50), 8,1% (5) encontram-se divorciados, 8,1% (5) em união de facto, sendo que 3,2% (2) são solteiros (tabela 3). No que concerne à escolaridade dos progenitores verifica-se pela análise dos dados que 38,7% (24) possuem a habilitação de licenciatura, 33,9% (21) possuem escolaridade de nível secundário (entre o 10º e 12º ano de escolaridade) e 6,5% (4) de nível pós secundário. Relativamente à formação de 2º ciclo, somente 4,8% (3) possuem mestrado e nenhum progenitor possui a habilitação de nível de doutoramento (tabela 3).

Face à área de residência 35,5% (22) dos progenitores e família reside na cidade, 33,9% (21) reside numa aldeia e 30,6% (19) reside numa vila. A grande maioria dos inquiridos (87,1%; n°=54) dista a menos de 5 Km da instituição de ensino do seu descendente. Relativamente à satisfação dos progenitores em relação à instituição de ensino 50,0% (31) refere estar satisfeito, 32,3% (20) bastante satisfeito, sendo que 6,5% (4) refere estar pouco satisfeito (tabela 3).

Tabela 3 : Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos dos progenitores

Progenitor	nº	%
Mãe	55	88,7
Pai	7	11,3
Total	62	100,0
Estado Civil	nº	%
Solteiro (a)	2	3,2
União de facto	5	8,1
Casado (a)	50	80,6
Divorciado (a)	5	8,1
Viúvo (a)	0	0
Total	62	100,0
Escolaridade	nº	%
1º Ciclo (até ao 4º ano)	2	3,2
2º Ciclo (5º e 6º ano)	2	3,2
3º Ciclo (7º ao 9º ano)	3	4,8
Secundário (10º ao 12º ano)	21	33,9
Pós-secundário (Cursos especialização tecnológica)	4	6,5
Bacharelato	3	4,8
Licenciatura	24	38,7
Mestrado	3	4,8
Doutoramento	0	0
Total	62	100,0
Área de Residência	nº	%
Aldeia	21	33,9
Vila	19	30,6
Cidade	22	35,5
Total	62	100,0
Distância da residência à escola	nº	%
Menos de 5 Km	54	87,1
5 a 25 Km	8	12,9
26 a 50 Km	0	0
Mais de 50 Km	0	0
Total	62	100,0
Grau de satisfação em relação ao estabelecimento de ensino	nº	%
Nada satisfeito	0	0
Pouco satisfeito	4	6,5
Satisfeito	31	50,0
Bastante satisfeito	20	32,3
Muito satisfeito	7	11,3
Total	62	100,0

Face às pessoas que coabitam no agregado familiar 82,3% (51) dos progenitores refere coabitar com o conjuge e filhos, 12,9% (8) refere somente coabitar com os filhos e 4,8% (3) refere coabitar sozinho(a).

Relativamente à situação profissional 80,6% (50) dos progenitores encontram-se empregados por conta de outrem e 11,3% (7) são empregados por conta própria, sendo que 19,4% (12) têm a profissão de professores e 16,1% (10) são funcionários administrativos. No que toca ao rendimento mensal do agregado familiar, 37,1% (23) dos progenitores indica que o mesmo é superior aos 2000 euros mensais, 32,3% (20) situa o rendimento mensal entre os 1001 a 2000 euros mensais, somente 12,9% (8) refere que o rendimento mensal está entre os 500 a 750 euros (tabela 4).

Quando questionados acerca da ocupação do tempo livre à noite, os progenitores das crianças que participaram no estudo referem na maioria (46,8%; n^o=29) que vêm televisão e 27,4% (17) aproveitam para ler (tabela 4).

Tabela 4 : Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos e pessoais dos progenitores

Pessoas com quem coabita	n°	%
Sozinho(a)	3	4,8
Conjuge	0	0
Conjuge e Filhos	51	82,3
Filhos	8	12,9
Total	62	100,0
Situação Profissional	n°	%
Empregada por conta própria	7	11,3
Empregada por contra de outrem	50	80,6
Desempregada	5	8,1
Total	62	100,0
Profissão	n°	%
Professor	12	19,4
Administrativa (o)	10	16,1
Funcionário Publico	4	6,5
Gerente	4	6,5
Outras	21	33,87
Não Respondeu	11	17,7
Total	62	100,0
Rendimento mensal do agregado familiar	n°	%
Menos de 500 euros	0	0
De 500 a 750 euros	8	12,9
De 751 a 1000 euros	11	17,7
De 1001 a 2000 euros	20	32,3
Mais de 2000 euros	23	37,1
Total	62	100,0
Ocupação nos períodos livres (à noite)	n°	%
Ler	17	27,4
Ver televisão	29	46,8
Sair	5	8,1
Outras	11	17,7
Total	62	100,0

- **Caracterização Sociodemográfica das Crianças:**

Pela análise dos dados obtidos, observamos que a média de idades das crianças que participaram no nosso estudo (N=62) é de 8,46 anos ($\sigma=1,25$), com um valor mínimo ($X_{\min.}$) de 6 anos e um valor máximo ($X_{\max.}$) de 11 anos de idade (tabela 5).

Tabela 5 : Caracterização da amostra face à idade

Idade	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	8,46	8,50	8,00	1,25	6,00	11,00	62

Pela análise dos dados referentes à tabela 6, um largo número de crianças que participaram nesta investigação integram o 4º ano do 1º ciclo do ensino básico (40,3%; $n^{\circ}=25$), 25,8% (16) integram o 2º ano do 1º ciclo do ensino básico, 19,4% (12) o 3º ano do 1º ciclo do ensino básico e 14,5% (9) o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico, sendo de referir que todas estas crianças integram o ensino público. Verifica-se ainda que 71,0% (44) destas crianças não têm irmãos e 29,0% (18) referem que têm um único irmão.

Tabela 6 : Caracterização da amostra face aos dados sociodemográficos da Criança

Escolaridade	nº	%
1º Ano do 1º Ciclo	9	14,5
2º Ano do 1º Ciclo	16	25,8
3º Ano do 1º Ciclo	12	19,4
4º Ano do 1º Ciclo	25	40,3
Total	62	100,0
Tipo de Instituição	nº	%
Pública	62	100,0
Total	62	100,0
Existência de Irmãos	nº	%
Sim	18	29,0
Não	44	71,0
Total	62,0	100,0

No que concerne à frequência das atividades extracurriculares, 71,0% (44) das crianças que integraram o estudo refere que frequenta atividades extracurriculares, sendo que a maioria (35,5%; $n^{\circ}=22$) o faz 2 a 3 vezes por semana e 22,6% (14), 4 a 6 vezes por semana (tabela 7). É de salientar que 29,0% (18) dos progenitores não responderam a estes dados em relação aos seus filhos, 72,6% (45) dos pais indica que os seus filhos frequentam um centro de estudos ou ATL, e que na maioria (25,8%; $n^{\circ}=16$) isto se deve a incompatibilidade com

horário dos pais ou para apoio na realização de trabalhos de casa (17,7%; n°=11), tal como para apoio escolar (16,1%; n°=10).

Tabela 7 : Caracterização da amostra face aos dados de atividades da Criança

Frequência de atividades extracurriculares	n°	%
Sim	44	71,0
Não	18	29,0
Total	62	100,0
Frequência das Atividades Extracurriculares	n°	%
0-1 por semana	7	11,3
2-3 por semana	22	35,5
4-6 por semana	14	22,6
Mais de 7 por semana	1	1,6
Não Respondeu	18	29,0
Total	62	100,0
Frequência de Centro de Estudos ou ATL	n°	%
Sim	45	72,6
Não	17	27,4
Total	62	100,0
Motivo da frequência do Centro de Estudos ou ATL	n°	%
Incompatibilidade com horário dos pais	16	25,8
Apoio na realização trabalhos de casa	11	17,7
Acompanhamento escolar	10	16,1
Gostar do Centro de Estudos	2	3,2
Necessidade de Aprendizagem	2	3,2
Socialização	1	1,6
Não Respondeu	20	32,2
Total	62	100,0

Pela análise dos dados obtidos (tabela 8), 58,1% (36) dos progenitores refere que a criança entra na escola entre as 8:40 – 9:00 horas, 32,3% (20) das crianças chegam à escola entre as 7:30 – 8:30, enquanto 9,7% (6) das crianças entram na escola depois das 9:00. No que concerne à chegada a casa é possível verificar que a maioria das crianças (66,1%; n°= 41) chegam entre as 17:30-19:30, 22,8% (14) chegam a casa depois das 19:30, sendo que apenas 11,3% (7) chegam a casa antes das 17:30. Quando questionados sobre a hora de deitar é mencionado que 77,4% (48) das crianças vai para cama antes das 20:30, enquanto 22,6% (14) se deita entre as 20:30 e as 21:30. Sobre o elemento que deita a criança verifica-se que a maioria (53,2%; n°=33) das crianças é deitada pela mãe, ao passo que 29,0% (18) das crianças são deitadas por ambos os progenitores, apenas 8,1% (5) são deitadas pelo pai, sendo de destacar que 9,7% (6) das crianças se deitam sozinhas.

Tabela 8 : Caracterização da amostra face aos horários e rotinas da Criança

Hora de entrada na Escola	nº	%
Entre as 7.30 – 8.30 horas	20	32,3
Entre as 8.40 – 9.00 horas	36	58,1
Depois das 9.00 horas	6	9,7
Total	62	100,0
Hora de chegada a casa	nº	%
Antes das 17.30h horas	7	11,3
Entre 17.30 e 19.30 horas	41	66,1
Depois das 19.30 horas	14	22,8
Total	62	100,0
Hora de deitar da criança	nº	%
Antes das 20.30	48	77,4
Entre as 20.30 – 21.30	14	22,6
Depois das 22.00	0	0
Total	62	100,0
Elemento que deita a criança	nº	%
Mãe	33	53,2
Ambos	18	29,0
A criança deita-se sozinha	6	9,7
Pai	5	8,1
Total	62	100,0

- **Percepção das crianças sobre as competências parentais**

Em relação à escala das competências parentais percecionada pelas crianças, *no que se refere ao pai*, (tabela 9), e tendo como referência os valores obtidos no processo de validação do instrumento, constatamos que o nível médio de suporte emocional é de 47,59 ($\sigma=7,42$) sendo superior ao valor médio ($X_{med.}=35$), o que indica um aceitável nível de suporte emocional percecionado pela criança por parte do pai. O valor mínimo encontrado ($X_{min.}$) foi de 28,00 e o valor máximo de 79,00. Em relação à rejeição, o nível médio é de 11,32 ($\sigma=2,17$) sendo inferior ao valor médio ($X_{med.}=20$), o que indica um baixo nível de rejeição percecionado pela criança por parte do pai. O valor mínimo encontrado ($X_{min.}$) foi de 8,00 e o valor máximo de 18,00. Finalmente face à tentativa de controlo, o nível médio obtido foi de 23,44 ($\sigma=5,83$), valor muito próximo do valor médio ($X_{med.}=25$) para esta dimensão, o que indica algum nível de tentativa de controlo percecionado pela criança por parte do pai. O valor mínimo encontrado ($X_{min.}$) foi de 14,00 e o valor máximo de 49,00.

Tabela 9 : Caracterização da amostra face às competências parentais (referente ao Pai) percecionadas pelas crianças

Percepção das crianças sobre as competências parentais (EMBU-C)	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	Não Respondeu	N
Suporte Emocional	47,59	48,00	51,00	7,42	28,00	79,00	1	61
Rejeição	11,32	11,00	10,00	2,17	8,00	18,00	1	61
Tentativa de Controlo	23,44	22,00	22,00	5,83	14,00	49,00	1	61

Em relação à escala das competências parentais percecionada pela criança, *no que se refere à mãe*, (tabela 10), e tendo em conta os valores do processo de validação do instrumento, constatamos que o nível médio de suporte emocional é de 48,29 ($\sigma=4,14$) sendo superior ao valor médio ($X_{med.}=35$), o que indica um elevado nível de suporte emocional percecionado pela criança. O valor mínimo encontrado (X_{min}) foi de 36,00 e o valor máximo de 55,00. Em relação à rejeição, o nível médio é de 11,20 ($\sigma= 2,26$) sendo inferior ao valor médio ($X_{med.}=20$), o que indica um baixo nível de rejeição percecionado pela criança por parte da mãe. O valor mínimo encontrado (X_{min}) foi de 8,00 e o valor máximo de 23,00. Finalmente face à tentativa de controlo, o nível médio obtido foi de 25,40 ($\sigma= 4,51$), valor ligeiramente superior do valor médio ($X_{med.}=25$) para esta dimensão, o que indica algum nível de tentativa de controlo percecionado pela criança por parte da mãe, sendo este valor também ligeiramente superior ao obtido referente ao pai. O valor mínimo encontrado (X_{min}) foi de 14,00 e o valor máximo de 34,00.

Tabela 10 : Caracterização da amostra face às competências parentais (referente à Mãe) percecionadas pelas crianças

Percepção das crianças sobre as competências parentais (EMBU-C)	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
Suporte Emocional	48,29	49,00	49,00	4,14	36,00	55,00	62
Rejeição	11,20	11,00	10,00	2,26	8,00	23,00	62
Tentativa de Controlo	25,40	25,50	30,00	4,51	14,00	34,00	62

- Percepção dos pais sobre as suas competências parentais para com as crianças**

Relativamente à escala das competências parentais percecionadas pelos progenitores (tabela 11), e tendo em conta os valores do processo de validação do instrumento, verificamos que o nível medio de suporte emocional é de 48,61 ($\sigma=3,58$) sendo bastante superior ao valor médio ($X_{med.} = 35$) o que indicia um que os pais percecionam um elevado

nível de suporte emocional à criança. O valor mínimo observável ($X_{\min}$) é de 40,00 e o valor máximo de 54,00. Sobre o item rejeição, o nível médio é de 27,20 ($\sigma=4,64$), revelando-se inferior ao valor médio ($X_{\text{med.}}=42,5$) o que reflete que os pais percecionam um baixo nível de rejeição para com as crianças. O valor mínimo ($X_{\min}$) é de 19,00 e o valor máximo de 39,00. Por fim em relação ao item da tentativa de controlo, o nível médio obtido é de 28,04 ($\sigma=4,34$) que se coloca acima do valor médio ($X_{\text{med.}}=27,5$), este valor indica que os progenitores percecionam exercer alguma tentativa de controlo sobre a criança. O valor mínimo aferido ($X_{\min}$) foi de 19,00 e o valor máximo de 37,00.

Tabela 11 : Caracterização da amostra face às competências parentais percecionadas pelos progenitores

Perceção dos Pais sobre as competências parentais (EMBU-P)	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
Suporte Emocional	48,61	48,50	48,00	3,58	40,00	54,00	62
Rejeição	27,20	27,00	29,00	4,64	19,00	39,00	62
Tentativa de Controlo	28,04	28,00	25,00	4,34	19,00	37,00	62

• Níveis de Ansiedade dos Progenitores

No sentido de avaliar os níveis de ansiedade dos pais participantes no presente estudo, foi aplicado o Inventário de Ansiedade de Beck. Observa-se pela tabela 12, que o valor médio do nível de ansiedade dos progenitores é de 26,93 ($\sigma=6,02$; Md=26,00), com um valor mínimo ($X_{\min.}$) de 21,00 e um valor máximo ($X_{\max.}$) de 45,00. Estes dados permitem-nos referir, tendo por base os scores da escala, que o nível médio de ansiedade encontrado nos progenitores é severo (26 a 63).

Tabela 12 : Caracterização da amostra face ao nível de ansiedade

Ansiedade dos Pais	Média ($\bar{X}$)	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
Inventário Ansiedade Beck (IAB)	26,93	26,00	21,00	6,02	21,00	45,00	62

2.2. Análise Inferencial

A análise inferencial é responsável pela verificação das hipóteses, isto é, pretende-se verificar que existe correlação entre as variáveis e assim determinar a natureza das relações entre as variáveis (Fortin, 2003).

Hipótese 1: Existe correlação estatisticamente significativa entre a percepção das competências parentais dos pais e o nível de ansiedade sentida pelos progenitores das crianças que frequentam o 1º Ciclo do ensino Básico, no distrito de Leiria.

Relativamente à correlação entre percepção das competências parentais dos pais e o nível de ansiedade, verificamos para a subescala ‘*Suporte Emocional*’ a correlação é negativa ($\rho=-0,131$) e não estatisticamente significativa, no entanto para a subescala ‘*Rejeição*’ a relação é estatisticamente significativa ($p\leq 0,001$) sendo a correlação positiva ($\rho=0,419$) o que significa que conforme a rejeição exercida pelos pais sobre a criança aumenta, o nível de ansiedade nos mesmos aumenta também. Para a subescala ‘*Tentativa de Controlo*’ a relação também é estatisticamente significativa ($p\leq 0,037$), sendo a correlação positiva ($\rho=0,266$) significando que com o aumento da tentativa de controlo sobre as crianças por parte dos pais, os níveis de ansiedade por parte dos progenitores também aumentam (tabela 13).

Tabela 13 : Resultados da aplicação da Correlação de Spearman entre a percepção das competências parentais dos pais e o nível de ansiedade

Correlação de Spearman entre a percepção das competências parentais dos pais e o nível de ansiedade	Rho	p
Suporte Emocional	-0,131	0,309
Rejeição	0,419	0,001*
Tentativa de Controlo	0,266	0,037*

Hipótese 2: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção das competências parentais das crianças e dos pais e algumas características sociodemográficas das famílias das crianças que frequentam o 1º Ciclo do ensino Básico, no distrito de Leiria.

Tendo em conta que se trata de uma hipótese complexa não direcionada, a mesma foi desdobrada em várias, tal como se apresenta seguidamente:

H2.1 Existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção das competências parentais dos pais (Embu-P) e a área de residência;

No que concerne à possível existência de relação estatisticamente significativa entre a percepção das competências parentais dos pais (Embu-P) e a área de residência (tabela 14) observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para nenhuma das subescalas (*Suporte Emocional*: $\chi^2=0,997$; $p\leq 0,607$; *Rejeição*: $\chi^2=5,611$; $p\leq 0,060$; *Tentativa de Controlo*: $\chi^2=5,725$; $p\leq 0,057$), no entanto constatamos que são os pais que residem na cidade

que percebem um maior *suporte emocional* quanto ao exercício da competência parental (média de ordens=33,52), já os pais que residem na aldeia percebem um maior nível de *rejeição* (média de ordens=38,21), passando-se o mesmo para a subescala da *tentativa de controlo*, em que os pais que residem também na aldeia percebem maiores níveis de tentativa de controlo (média de ordens=36,07).

Tabela 14 : Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais dos pais e a sua escolaridade

Embu-P	Escolaridade	Nº	Média de Ordens	χ^2	p
Suporte Emocional	Aldeia	21	28,36	0,997	0,607
	Vila	19	32,63		
	Cidade	22	33,52		
Rejeição	Aldeia	21	38,21	5,611	0,060
	Vila	19	31,34		
	Cidade	22	25,23		
Tentativa de Controlo	Aldeia	21	36,07	5,725	0,057
	Vila	19	34,95		
	Cidade	22	24,16		
Total		62			

H2.2 Existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção das competências parentais dos pais (Embu-P) e o rendimento mensal;

No que concerne à possível existência de relação estatisticamente significativa entre a percepção das competências parentais dos pais (Embu-P) e o rendimento mensal do agregado familiar (tabela 15), observa-se que para a subescala *suporte emocional* não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 4,224$; $p \leq 0,238$), no entanto os pais que auferem um rendimento mais baixo (entre 500 a 750 euros) revelam uma maior percepção de *suporte emocional* no exercício das suas competências parentais (média de ordens=37,19), seguidos dos que têm rendimentos entre 751 a 1000 euros (média de ordens=35,86). Em relação à subescala *rejeição*, a relação também não é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 1,688$; $p \leq 0,639$) no entanto são os pais que têm um rendimento mensal entre os 751 euros e os 1000 euros que revelam uma maior percepção de *rejeição* (média de ordens=37,73) quando comparados com os que têm rendimentos superiores a 2000 euros. Finalmente face à subescala *tentativa de controlo*, existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 11,787$; $p \leq 0,008$) observando-se que são os progenitores que auferem mensalmente rendimentos entre os 751 euros e os 1000 euros que apresentam uma maior percepção de *tentativa de controlo* (média de ordens=43,45), seguidos dos que auferem entre 500 a 750 euros (média de ordens=43,06).

Tabela 15 : Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais dos pais e o rendimento mensal do agregado familiar

Embu-P	Rendimento Mensal	Nº	Média de Ordens	χ^2	P
Suporte Emocional	De 500 a 750 euros	8	37,19	4,224	0,238
	De 751 euros a 1000 euros	11	35,86		
	De 1001 a 2000 euros	20	25,03		
	Mais de 2000 euros	23	33,07		
Rejeição	De 500 a 750 euros	8	31,63	1,688	0,639
	De 751 euros a 1000 euros	11	37,73		
	De 1001 a 2000 euros	20	30,30		
	Mais de 2000 euros	23	29,52		
Tentativa de Controlo	De 500 a 750 euros	8	43,06	11,787	0,008*
	De 751 euros a 1000 euros	11	43,45		
	De 1001 a 2000 euros	20	26,15		
	Mais de 2000 euros	23	26,41		
Total		62			

H2.3 Existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção das competências parentais pelas crianças (Embu-C) e a sua escolaridade;

Em relação à possível existência de relação estatisticamente significativa entre a percepção das competências parentais pelas crianças em *relação ao Pai (Embu-C-Pai)* e a escolaridade destas (tabela 16), analisa-se que não existem relações significativas para nenhuma das subescalas (*Suporte Emocional*: $\chi^2 = 6,253$; $p \leq 0,100$; *Rejeição*: $\chi^2 = 4,436$; $p \leq 0,218$; *Tentativa de Controlo*: $\chi^2 = 2,452$; $p \leq 0,484$), no entanto constatamos que face à subescala suporte emocional são as crianças que frequentam o 2º ano que percecionam maiores níveis de suporte emocional em relação ao seu pai (média de ordens=38,84). Em relação à subescala rejeição são as crianças que frequentam o 4º ano do 1º ciclo que percecionam maiores níveis de rejeição em relação ao progenitor do sexo masculino (média de ordens=34,30). Já face à subescala tentativa de controlo são as crianças que frequentam o 3º ano do 1º ciclo que percecionam maiores níveis em relação ao pai (média de ordens=36,63).

Tabela 16: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais relativamente ao pai pelas crianças (Embu-C_Pai) e a sua escolaridade

Embu-P	Escolaridade da Criança	Nº	Média de Ordens	χ^2	P
Suporte Emocional	1º ano do 1º Ciclo	8	28,19	6,253	0,100
	2º ano do 1º Ciclo	16	38,84		
	3º ano do 1º Ciclo	12	22,29		
	4º ano do 1º Ciclo	25	31,06		
Rejeição	1º ano do 1º Ciclo	8	32,81	4,436	0,218
	2º ano do 1º Ciclo	16	23,19		
	3º ano do 1º Ciclo	12	33,33		
	4º ano do 1º Ciclo	25	34,30		
Tentativa de Controlo	1º ano do 1º Ciclo	8	26,94	2,452	0,484
	2º ano do 1º Ciclo	16	33,09		
	3º ano do 1º Ciclo	12	36,63		
	4º ano do 1º Ciclo	25	28,26		
Total		61			

No que respeita à possível existência de relação estatisticamente significativa entre a percepção das competências parentais pelas crianças *em relação à Mãe (Embu-C-Mãe)* e a escolaridade destas (tabela 16), analisa-se que existe uma relação significativa para uma das subescalas (*Suporte Emocional*: $\chi^2 = 11,353$; $p \leq 0,010$; *Rejeição*: $\chi^2 = 4,289$; $p \leq 0,232$; *Tentativa de Controlo*: $\chi^2 = 1,549$; $p \leq 0,671$), desta forma a subescala suporte emocional evidencia que as crianças do 2º ano percecionam maiores níveis de suporte emocional em relação à mãe. (médio de ordens = 43,13). Este permite afirmar que existe uma relação entre o suporte emocional percecionado pela criança, por parte da Mãe, com a escolaridade da criança. Em relação à subescala rejeição são as crianças que frequentam os 1º e 3º anos do 1º ciclo que percecionam maiores níveis de rejeição em relação ao progenitor do sexo feminino (média de ordens=36,00 e 35,17, respetivamente). No que concerne à subescala tentativa de controlo são as crianças que frequentam o 3º ano do 1º ciclo que percecionam maior nível em relação à Mãe, sendo de sublinhar que o mesmo se verifica em relação ao Pai. (média de ordens=36,50).

Tabela 17: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre competências parentais relativamente à Mãe pelas crianças (Embu-C_Mãe) e a sua escolaridade

Embu-P	Escolaridade da Criança	Nº	Média de Ordens	χ^2	P
Suporte Emocional	1º ano do 1º Ciclo	9	29,89	11,353	0,010*
	2º ano do 1º Ciclo	16	43,13		
	3º ano do 1º Ciclo	12	20,63		
	4º ano do 1º Ciclo	25	29,86		
Rejeição	1º ano do 1º Ciclo	9	36,00	4,289	0,232
	2º ano do 1º Ciclo	16	23,84		
	3º ano do 1º Ciclo	12	35,17		
	4º ano do 1º Ciclo	25	33,02		
Tentativa de Controlo	1º ano do 1º Ciclo	9	29,67	1,549	0,671
	2º ano do 1º Ciclo	16	32,63		
	3º ano do 1º Ciclo	12	36,50		
	4º ano do 1º Ciclo	25	29,04		
Total		62			

H2.4 Existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção das competências parentais pelos Pais (Embu-P) e a existência de outros filhos (irmãos);

Em relação à hipótese existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção das competências parentais pelos Pais (Embu-P) e a existência de outros filhos (tabela 18) verifica-se que para a subescala *suporte emocional* a relação é estatisticamente significativa ($U = 246,000$; $p \leq 0,019$), sendo que são os progenitores que não têm outros filhos que percecionam maiores níveis de suporte emocional em relação à sua criança (média de ordens = 39,83). É interessante ainda analisarmos que para a subescala *rejeição*, que revela uma

relação estatisticamente significativa ($U = 252,000$; $p \leq 0,025$), são os progenitores que têm outros filhos que percecionam maiores níveis (média de ordens=34,77). Para a subescala tentativa de controlo a relação não é estatisticamente significativa ($U = 330,500$; $p \leq 0,308$), no entanto são os progenitores que não têm mais filhos que apresentam uma maior perceção desta dimensão (média de ordens=35,14).

Tabela 18: Resultados da aplicação do Teste U de Mann-Whitney entre a perceção das competências parentais pelos Pais (Embu-P) e a existência de outros filhos (irmãos)

	Existência de Irmãos	Nº	Média de Ordens	U	Z	P
Suporte Emocional	Não	18	39,83	246,000	-2,336	0,019*
	Sim	44	28,09			
Rejeição	Não	18	23,50	252,000	-2,242	0,025*
	Sim	44	34,77			
Tentativa de Controlo	Não	18	35,14	330,500	-1,019	0,308
	Sim	44	30,01			
Total		62				

3. Discussão de Resultados

O presente capítulo pretende consolidar a análise que foi efetuada aos dados, aliás propõe-se verificar e avaliar a validade das hipóteses colocadas, sendo imprescindível que se referiram outros estudos que apoiem, ou não, os nossos resultados. Fortin (2003) afirma que esta é a altura de fornecer todos os resultados pertinentes relativamente às hipóteses formuladas e de interpretar os resultados. O investigador explora associações entre as variáveis, sendo o seu papel examinar todas as relações que existam para que possa responder às questões de investigação (Fortin, 2003).

A resposta às questões de investigação são importantes, permitindo compreender e caracterizar a amostra, pelo que iniciaremos a discussão de resultados pela caracterização da nossa amostra que apresenta uma média de idades de 39,24 anos, sendo que 88,7% dos questionários foram respondidos pela mãe e os restantes 11,3% pelo pai. Verifica-se que a maioria dos casais estão casados (80,6%), sendo que os restantes ora se encontram divorciados, em união de facto ou são solteiros. Sobre a escolaridade dos progenitores podemos verificar que a maioria possui licenciatura, seguindo-se o ensino secundário, o ensino pós-secundário, o 2º ciclo e o mestrado, estes distinguem-se da amostra do estudo de Alho & Henriques (2011) onde a maioria dos progenitores tinha o 2º ciclo de escolaridade. No que concerne à área de residência é observável que a maioria reside na vila, seguida numa aldeia e finalmente em cidade. De acordo com os dados recolhidos a grande maioria reside a menos de 5 km da instituição de ensino da criança e revela estar satisfeito com a qualidade de

ensino. No âmbito dos dados sociodemográficos é de referir o estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010b), que analisa o local de residência, o número de filhos e a idade dos pais. Sobre o local de residência o estudo indica a maioria da sua amostra reside na cidade o que não coincide com a amostra do nosso estudo, sendo a média de idades dos progenitores de 33 anos, distinguindo-se da nossa amostra. Quanto ao número de filhos a amostra é caracterizada por cerca de 50,7% ter mais de uma criança, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 meses. Na mesma linha do nosso estudo, também este obteve um maior número de respostas pela mãe (85,3%). Outro elemento concordante com o estudo é o estado civil dos inquiridos, sendo a maioria casada (92,0%) como a amostra do nosso trabalho. Outro estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010a) apresenta uma amostra idêntica ao do nosso estudo, isto é, a maioria dos pais reside em zona urbana, o estado civil mais frequente é o casamento com cerca de 91,5% e as respostas são maioritariamente fornecidas pelas mães (83,0%).

Sobre a situação profissional importa referir cerca de 80,6% estão a laborar por conta de outrem e apenas 8,1% se encontram desempregados. Sobre o rendimento mensal do agregado familiar é possível afirmar que a maioria é superior aos 2000 euros mensais, podem-se assim classificar a amostra como pertencente à classe média. Veríamos assim que as famílias participantes no estudo aparentam estar integradas no contexto social adequado e satisfatória para as suas exigências, de igual forma o existir uma ocupação profissional para a grande maioria das famílias indicia um nível de satisfação de necessidades básicas que é descrito por Belsky e Jafee (2006) e por Houseknecht e Hango (2006) que defendem a importância de um contexto acolhedor e apoiante no desempenho das competências parentais. No que concerne à dimensão da empregabilidade verificou-se que no estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010b) cerca de 81,3% dos inquiridos estão a trabalhar o que concorda a amostra do presente estudo. Também no estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010a) a empregabilidade dos inquiridos é concordante com os valores obtidos no presente estudo, ou seja, cerca de 76,42% dos pais estão empregados, enquanto 23,58% se encontram desempregados.

No que concerne às características sociodemográficas da criança os nossos dados revelam que a média de idades é de 8,46 anos, sendo que um largo número dos participantes frequentam o 4º ano, seguido do 2º ano, do 3º ano e finalmente o 1º ano. Verificou-se que todas as crianças estudam no ensino público. Sobre questões familiares observou-se que apenas uma minoria das crianças participantes tinha irmãos, geralmente um único irmão, sendo que cerca de 71% não tem irmãos. Este dado permite-nos refletir sobre as mudanças culturais e económicas que parecem condicionar o número de filhos, todavia podemos pensar que tal também se deve a uma escolha dos pais para garantir uma maior disponibilidade

psicológica e física para a criança. É de mencionar o estudo que de Lopes, Catarino e Dixe (2010a) onde se conclui que os pais com dois ou mais filhos revelam maior índice de stress, pelo que a variável de número de filhos surge como indicador do stress parental. Será ainda de salientar que na amostra do estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010a) as famílias com um filho (50,7%) ou com dois ou mais filhos (49,3%) são bastante equilibradas, ao contrário do que se verificou no nosso estudo.

Com base nos dados recolhidos verificamos que as crianças têm atividades extracurriculares e revelam um nível de atividades satisfatório com uma frequência de 2 a 3 vezes por semana. Estas atividades estão integradas, em determinadas situações no ATL, sendo que a maioria dos pais refere a necessidade da frequência do ATL por incompatibilidade com o seu horário profissional ou para apoio na realização dos trabalhos de casa. Houseknecht e Hango (2006) sublinham a necessidade de o meio onde as famílias se inserem terem respostas satisfatórias ao seu estilo de vida, por forma a forma e torna-se um fator de bom desempenho parental. Assim e com base nas respostas dos pais é possível afirmar que o meio (serviços e recursos) dá uma resposta adequada às necessidades das famílias, garantindo que as crianças estão ocupadas até os pais saírem dos locais de trabalho. Os estudos analisados não permitem realizar uma comparação, uma vez que não se debruçam sobre a atividade extracurricular das crianças e a razão para a frequência de ATL.

No que concerne às rotinas das crianças apuramos que a grande maioria das crianças chega à escola entre as 8:40 e as 9:00 horas, retornando a casa entre as 17:30 e as 19:30 horas. Poderemos refletir sobre o tempo que as crianças passam fora de casa e longe dos progenitores, já que a grande maioria vai para a cama antes das 20:30 horas. Será de ponderar sobre a qualidade da relação e o tempo de interação entre os intervenientes do estudo. Quanto à questão de quem deita as crianças, a maioria respondeu que é a mãe, contudo é de sublinhar a existência de um grupo que afirma serem ambos a deitarem a criança, o que poderá revelar uma mudança de cultura e de papéis. O que irá de encontro aos estudos revelados por Houseknecht e Hango (2006) face à relevância da cultura no desempenho das competências parentais. No que concerne à importância das rotinas das crianças não foi possível identificar esta dimensão noutros estudos, contudo o estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010a) menciona que os pais revelam mais dificuldades, quando comparados com as mães, em responder às necessidades básicas das crianças. Este dado tende a contrariar o comportamento dos pais do atual estudo que se revelam mais participantes na educação e nas rotinas dos filhos.

Outro ponto importante no nosso estudo é a percepção das crianças sobre as competências parentais. A pertinência desta questão prende-se com a dificuldade que é tomar decisões e depois a questão eterna, como será que o outro sente ou entende a minha decisão? Acreditamos que esta dúvida também se coloca para os pais, que frequentemente se sentem perdidos e com dúvidas, como será que o meu filho me vê como pai ou mãe? Esta é a grande questão de qualquer mãe e pai. De acordo com os dados recolhidos a criança percebe o Pai como sendo um suporte emocional, ou seja, que lhe responde adequadamente às suas necessidades, que é carinhoso, “*supportive*” e a aceita como é. Outra característica atribuída ao Pai é que exerce alguma tentativa de controlo sobre a criança, ou seja, no exercício das suas funções parentais a criança sente que o pai a orienta e a guia nos seus comportamentos. Finalmente a criança não sente o seu Pai com hostilidade e agressivo, não o entende como uma pessoa que condiciona e corrige o seu comportamento. Este dado é importante, uma vez que a palavra “não” não tem de ser necessariamente uma hostilidade e a verdade é que talvez as crianças não a entendam como uma rejeição, mas sim como uma tentativa de controlo. Estes dados remetem-nos para a importância das características individuais das crianças que tendem a influenciar o exercício das competências parentais (Belsky & Jafée, 2006).

A Mãe é sentida pela criança como um suporte emocional muito forte e com uma grande tendência a tentar controlar os seus movimentos (acima dos valores do pai), o que deixa antever que a função de educação ainda está muito ligada à mulher. Também para mãe as crianças não sentem a rejeição de um modo significativo, colocando este valor abaixo da média.

No estudo de Alho & Henriques (2011) verificou-se que as figuras paterna e materna apresentam um maior suporte emocional, sendo que o pai é sentido como a figura que evidencia uma maior rejeição, quando comparado com os valores maternos. O valor referente revela que a dimensão de tentativa de controlo é exercida pela mãe o que concorda com os dados obtidos no nosso estudo. Quando compara os valores obtidos no suporte emocional, Alho & Henriques (2011) observam que a figura materna é aquela que é mais presente e é mais “*supportive*” na vida da criança, o que coincide com a análise dos resultados do presente estudo.

Outro estudo interessante é o de Pereira, Canavarro, Cardoso e Mendonça (2009) que concluem que um baixo suporte emocional e uma rejeição-controlo dos pais se relacionam com problemas de comportamento, ao contrário de um estilo que apoia e aceita/controlo a criança. Pelo que poderemos adiantar que as crianças intervenientes no estudo não deverão ter ou evidenciar problemas de comportamento, que se refiram às competências parentais.

Além da percepção da criança, é importante compreender como se sentem que os pais no exercício das suas competências parentais. Os dados recolhidos indicam que os pais sentem que são um suporte emocional para as suas crianças, com uma ligeira tentativa de controlo dos comportamentos e atitudes das crianças. Sobre o item da rejeição, os pais participantes no estudo não se identificam neste tipo de exercício.

Alho & Henriques (2011) concluem que a percepção dos pais em relação às dimensões suporte emocional, tentativa de controlo e rejeição proporcionados às crianças é superior àquela que é sentida pelas crianças. Este resultado vai de encontro aos dados obtidos no nosso estudo, onde os progenitores percecionam um maior suporte e rejeição que aquele que é sentido pela criança, sendo de sublinhar que as diferenças estatísticas no nosso estudo não se revelaram tão significativas como no de Alho & Henriques (2011).

Neste ponto será pertinente recordar os estudos de Belsky (1984) e de Bugental e Happaney (2004) que incutam o bom desempenho nas características individuais dos pais. Sendo de frisar que os pais intervenientes no estudo aparentam compreender o seu papel e com uma grande correspondência com aquilo que é sentido pelas crianças, antevendo que se tratam de pais estáveis e maduros, capazes de realizar uma leitura emocional da criança adequada. Poderemos especular que diferença de resultados poderá estar relacionada com a escolaridade dos pais, já que no nosso estudo a maioria dos pais frequentou o ensino superior.

Respler-Herman, Mowder, Yasik e Shamah (2012) no seu estudo concluem que uma parentalidade menos stressada está relacionada como percepções positivas acerca do seu desempenho, enquanto pais que tem percepções negativas acerca do seu desempenho tende a sentir a parentalidade como stressante e não satisfatória. De acordo com os resultados apresentados será possível adivinhar que os pais intervenientes neste estudo se sentem satisfeitos e capazes no exercício das suas funções parentais.

Outro ponto do nosso estudo é o nível de ansiedade sentida pelos pais que se classificou como severo, de acordo com a escala do Inventário de Ansiedade de Beck (IAB). Este valor poderá estar relacionado com o exercício da parentalidade, uma vez que Lopes, Catarino e Dixe (2010a) referem que o índice de stress dos pais está relacionado com o desempenho do papel parental, em particular em famílias com uma criança. Sendo de relembrar que a nossa amostra é constituída na sua maioria por famílias com apenas uma criança e que os progenitores apresentam um nível considerável de ansiedade, o que é concordante com os resultados obtidos no estudos das autoras.

De seguida passaremos à análise e discussão das hipóteses colocadas no nosso estudo de investigação. Em relação à (H1) verificamos que existe correlação estatisticamente

significativa entre a percepção das competências parentais dos pais e o nível de ansiedade sentida, em particular nas subescalas Rejeição e Tentativa de Controlo, o que significa que quando os pais percebem estratégias educativas com o intuito de exercer Rejeição ou Tentativa de Controlo o seu nível de ansiedade aumenta. Desta forma é possível afirmar que quantas mais vezes os pais recorrem a este tipo de estratégias, maior será o seu nível de ansiedade. Poderemos inferir que os pais também não se sentirão confortáveis numa posição de maior autoridade, podendo de alguma maneira transmitir às crianças a sua ansiedade.

O estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010a) relevam acontecimentos stressantes do decurso da parentalidade relacionados com necessidades básicas da criança, destacando que situações mais difíceis estão relacionadas com famílias com duas ou mais crianças. Tal está relacionado com a Tentativa de Controlo exercida pelos pais que sentem este comportamento como fator de stress. Outro estudo das autoras menciona que pais de filho único adotam mais estratégias de suporte, sendo esta uma característica que os leva a sentir menos a ansiedade, já que não têm de exercer Rejeição e Tentativa de Controlo com grande frequência (Lopes, Catarino & Dixe, 2010b).

A comunidade científica debruçou-se sobre estudos de ansiedade infantil, procurando explicar e compreender os determinantes do stress infantil. De seguida apresentaremos estudos que defendem que a ansiedade sentida pelas crianças, está correlacionada com o exercício da parentalidade. Alho e Henriques (2011), no seu estudo descritivo e correlacional com uma população da zona Centro (Tomar) conclui que quanto maior for a percepção da criança sobre a Rejeição e Tentativa de controlo pelos pais, maior será o seu índice de ansiedade. Também Fentz, et al (2011) verificaram que os sintomas de ansiedade em crianças são consistentes com estilo parentais mais controladores e menos atenciosos. Outro estudo com crianças em idade escolar e com perturbações de ansiedade /comportamento relatavam os seus pais como tendo dificuldades em responder corretamente aos pedidos dos filhos e com um controlo excessivo sobre o seu comportamento e decisões (Mellon & Moutavelis, 2011). Outro estudo a sublinhar é o de Reitman e Asseff (2010) onde é descrito que o controlo materno combinado com aceitação paterna sugere uma relação com ansiedade sentida pelos estudantes.

Quanto à subescala Suporte Emocional não se verifica qualquer correlação estatisticamente significativa, isto é, o recurso a estratégias que impliquem a aceitação da individualidade da criança e que a valorizem não causa ansiedade nos pais. Também este resultado é verificado pelos estudos de Mellon & Moutavelis (2011) onde as crianças que não evidenciam sintomas de ansiedade descrevem os seus pais como carinhosos e “*supportive*”.

Quando procurámos compreender se existiriam diferenças estatisticamente significativas entre a perceção das competências parentais e a área de residência (H2.1), verificámos que os resultados estatísticos invalidam esta hipótese, ou seja, não existem diferenças estatísticas significativas entre as competências parentais, dos pais, e a sua zona de residência. Este resultado não vai de encontro à importância do contexto e comunidade onde a família se insere que os estudos de Forehand & Kotchick (2002) enfatizam, contudo será de sublinhar uma curiosidade, os pais que residem na cidade percecionam um maior suporte emocional que os pais que residem na aldeia. Estes percecionam ainda no exercício das suas funções parentais um maior nível de rejeição e de tentativa de controlo, ao contrário do pais residentes na cidade. Estes resultados poderão dever-se a uma maior disponibilidade dos pais da cidade e a um sentimento de insegurança nas aldeias. Lopes, Catarino e Dixe (2010b) identificam que o local de residência tem influência sobre as estratégias parentais adotadas, contrariando os resultados do nosso estudo. Estes autores concluem que pais residentes na cidade adotam mais comportamentos de procura suporte que os pais que residem na aldeia.

Outro ponto importante a destacar no nosso estudo é sobre a existência de um eventual diferença entre a perceção das competências parentais dos progenitores e o seu rendimento mensal. Tendo sido os resultados bastante interessantes, indicando que relativamente, às subescalas de suporte emocional e de rejeição não se verificaram diferenças estatísticas significativas, no entanto, para a dimensão “suporte emocional” os pais com um rendimento mais baixo (500€ a 750€) apresentam uma maior perceção de aceitação e de apoio emocional das crianças. Tal coincide com os estudos de Forehand & Kotchick (2002) que constata a importância da empregabilidade e ocupação profissional no exercício do comportamento parental. Contudo na subescala da rejeição e da tentativa de controlo foi observada uma diferença estatística significativa e positiva, isto é, os pais com rendimentos entre os 751 euros e os 1000 euros apresentam uma maior perceção de controlo sobre as crianças. Este resultado poderá estar relacionado com situação económica atual e com uma preocupação parental em que as crianças procurem alcançar objetivos e orientem as suas competências para um melhor futuro. Também o estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010b) confirma o resultado obtido.

Sobre a possibilidade de existir uma diferença entre a perceção das competências parentais pelas crianças e a sua escolaridade os dados são claros, ou seja, para nenhuma das subescalas é visível uma relação significativa, do ponto de vista estatístico, no que respeita ao progenitor do sexo masculino. Todavia será de sublinhar que as crianças que frequentam o 2º

ano entendem um maior suporte emocional por parte do Pai, enquanto as crianças que cursam o 4º ano do 1º ciclo sentem por parte do Pai um maior nível de rejeição.

Em relação à Mãe existe uma diferença significativa entre a percepção das competências parentais pelas crianças e a sua escolaridade, isto para a subescala suporte emocional. Desta forma as crianças do 2º ano sentem que a Mãe os apoia, aceite e valoriza sobre as restantes subescalas.

Estes dados poderão dever ao estado de desenvolvimento emocional das crianças, sendo que por altura do 2º ano a criança ainda está sob o Complexo de Édipo e no 4º ano terá este conflito resolvido e, por isso a sua abertura as novas descobertas propicia um maior controlo e condicionamento de comportamentos. Todavia não foram encontrados dados noutros estudos relativamente à influência da escolaridade da crianças e a sua percepção sobre as competências parentais dos seus progenitores, pelo que não nos foi possível comparar os dados que obtivemos.

Finalmente, quando nos questionamos sobre a possibilidade de existirem diferenças significativas entre as percepções parentais dos pais e a existência de outros filhos, os resultados apresentam uma diferença estatística positiva e significativa, nas subescalas de suporte emocional e rejeição, ou seja, a percepção da sua competência parental relaciona-se com o número de filhos que tem.

Devemos destacar que o suporte emocional é sentido pelos progenitores que não possuem mais filhos, ou seja, a disponibilidade para a criança será maior o que explicará o seu sentimento positivo de parentalidade. Em relação à subescala rejeição está relacionada com existência de outras crianças, deixando transparecer que o sentimento de parentalidade está condicionado pela existência de outros irmãos e o que exigirá aos pais maior controlo e maiores atitudes de correção do comportamento da criança. Neste campo os estudos de Forehand e Kotchick (2002) e de Michiels, Grietens, Onghena, e Kuppens, (2010) coincidem com os resultados obtidos. Outro estudo que reforça este resultado é o estudo de Lopes, Catarino e Dixe (2010b) que conclui que pais com filho único adotam em maior número estratégias de suporte emocional.

CONCLUSÃO

Os estudos científicos na área da parentalidade, dos estilos e estratégias educativas parentais revelam que existe uma aprendizagem e adaptação dos adultos às crianças e vice-versa e, ambos estão sob a influência de todo o meio que o condiciona e os acolhe ou os maltrata. Seja como for os teóricos revelam que existem três determinantes que atuam na forma como cada um exerce a sua parentalidade, são eles as características individuais da criança, as características individuais do progenitor e o meio/contexto onde a família se insere. De acordo com Belsky (1984) será a combinação destes três fatores que culminará no bom, ou menos bom, exercício das competências parentais.

Como referido anteriormente, a vida não tem manuais e a parentalidade não é diferente, sendo esta a grande explicação para investigação nesta área, com o intuito de compreender como os pais se sentem enquanto pais, como as crianças os sentem e quais as eventuais consequências dos estilos e das estratégias educativas escolhidas, mais importante compreender o porque destas escolhas. Estas pesquisas culminam em inúmeros programas de formação parental que visam o *empowerment* das famílias, a valorização das suas forças e uma ajuda nos pontos frágeis.

O presente estudo pretendeu ser uma mais-valia nesta área, tendo-se proposto a compreender se existe uma relação entre as percepções das competências parentais dos pais e das crianças e, a ansiedade sentida pelos pais com uma eventual influência do contexto sociodemográfico, no distrito de Leiria.

Para organizar o pensamento e a construção do trabalho foram colocados cinco objetivos, sendo que o primeiro pretendeu conhecer as características sociodemográficas dos pais e das crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico no distrito de Leiria. Neste ponto foi possível concluir que a amostra dos progenitores possui uma média de idade de 39 anos, maioritariamente casados e com um nível de escolaridade superior (licenciatura). É uma amostra que reside na sua maioria na cidade e que se encontra satisfeita com a escola das crianças. No que se refere às crianças verificamos que média de idade ronda os 8 anos, com frequência do 4º ano, sendo que a maioria é filho único. Relativamente a atividades extracurriculares concluímos que a maioria das crianças é ativa e tem atividades entre 2 a 3 vezes por semana. O segundo objetivo deste trabalho procurou determinar a percepção das crianças sobre as competências parentais dos seus pais, concluindo-se que as crianças sentem os seus pais como “*supportive*” e com respostas adequadas às suas necessidades. Procurou-se

ainda compreender como se percebem os pais enquanto autores do exercício parental. Os resultados permitem concluir que os pais entendem fornecer um elevado suporte emocional aos filhos, que também é sentido pelas crianças. Contudo sempre que os pais exercem uma Tentativa de Controlo ou de Rejeição sobre as crianças o seu índice de ansiedade aumenta, tal permite ponderar que atitudes de afirmação de poder e de orientação criam questões aos pais, que podem sentir alguma insegurança.

Numa tentativa de verificar a relação entre algumas variáveis, procurou-se analisar a relação existente entre a percepção das competências parentais e algumas características sociodemográficas dos pais das crianças, tendo-se verificado que existem alguns dados sociodemográficos que se revelaram pertinentes, como o rendimento mensal do agregado com a subescala de Tentativa de Controlo e existência de outros irmãos.

A nossa investigação numa tentativa de analisar a relação existente entre a percepção das competências parentais dos pais e a ansiedade sentida pelos mesmos no exercício das suas competências parentais, conclui que atitudes ou estratégias que impliquem uma Tentativa de Controlo ou de Rejeição causam nos pais sentimentos de ansiedade.

Estes resultados poderão ser úteis na elaboração de um plano de formação parental em que se deverá ter em atenção o nível de ansiedade quando o exercício das funções parentais exige atitudes de Rejeição ou de Tentativa de Controlo, altura em que o formador deverá fornecer estratégias mais assertivas aos pais. Outro detalhe a ter em consideração deverá ser a constituição do agregado familiar e a sua situação económica.

Como qualquer estudo, também a presente investigação revela limitações, nomeadamente ao nível da amostra que devido ao seu tamanho, não é representativa das famílias do Distrito de Leiria. Este foi um dos aspetos mais difíceis de todo o trabalho, uma vez que a colaboração dos pais não foi a esperada ou a desejada, pelo que em novo estudo está terá de ser um ponto a considerar. Também a abrangência dos objetivos, a sua complexidade e a dimensão, acabou por se revelar mais problemática quando se realizou a análise e a correlação das variáveis. Os estudos científicos revelaram uma preocupação sobre a ansiedade que é sentida pela criança, o que não permitiu comparar com maior detalhe os resultados deste trabalho, que pretende avaliar a ansiedade dos pais e de que forma os dados sociodemográficos influenciam o exercício da parentalidade.

Este trabalho constitui-se como um desafio do ponto de vista profissional e pessoal, já que em inúmeros momentos me interroguei sobre a minha percepção das competências parentais dos meus progenitores. Aprendemos que as nossas ações têm repercussões nos outros, mas não paramos para refletir qual o seu impacto em nós próprios. Este trabalho

pretendeu essencialmente “auscultar” os pais e as crianças e compreender o que sentem, para que numa intervenção possamos ir de encontro aos seus sentimentos, necessidades, angústias. Não seria possível esquecer alguns teóricos que nos falam da importância do contexto, contudo até que ponto este influencia os comportamentos de suporte emocional dos progenitores? Como psicóloga devo compreender e orientar para uma relação mais satisfatória e potenciadora do desenvolvimento infantil, mas acredito que para tal devemos compreender a história de vida dos pais e perceber aquilo que lhes é possível “dar” ou “mudar”. Os pedidos têm de ser adequados à realidade de cada sujeito, caso contrário poderemos potenciar situações de desequilíbrio e, em última análise, de rutura.

A título pessoal, este trabalho faz-me refletir na importância das minhas decisões, no impacto que têm sobre o outro e aquilo que provocam em mim. A ideia da reciprocidade reforçou-se na minha vida e na minha profissão. A responsabilidade da parentalidade é grande, mas deve ser vivida com descontração e em harmonia com a criança.

A parentalidade é um tema que tem muito para explorar e estudar, pelo que seria importante compreender a qualidade da relação familiar e as percepções das competências parentais dos pais e das crianças. Outro aspeto interessante será compreender de que forma as competências parentais no distrito de Leiria estão relacionadas com a sua narrativa de vida. Numa perspetiva longitudinal, seria interessante compreender como a percepção dos pais e das crianças se altera, ou não. Outra sugestão futura poderia ser a realização de um estudo qualitativo que evidência-se a relação entre cada criança e progenitores e porque não incluir aqui uma outra geração, os avós. Assim forço desde já uma outra questão de partida: Qual é o papel que os avós têm nas percepções das competências parentais dos seus filhos e vice-versa?

Pelo facto de a parentalidade não ter um manual de instruções é importante que as investigações se mantenham, para que consigamos auxiliar e compreender o impacto das nossas decisões, no desenvolvimento psíquico/cognitivo da criança e ajudá-la a uma melhor integração nas várias etapas da sua vida.

BIBLIOGRAFIA

Alho, J. & Henriques, C. (2011). *Estilos parentais educativos e ansiedade manifesta na criança*. Dissertação de Mestrado não publicada: Instituto superior Miguel Torga / Instituto Politécnico de Leiria: Coimbra.

Barber, B.K. (2006). Reintroducing parental psychological control. In B.K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). Washington: American Psychological Association.

Barroso, R. & Machado, C. (2011). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psichologica*, 52, 211-230.

Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of school behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.

Belsky, J. & Jaffee, S. (2006). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds), *Developmental psychopathology* (pp. 38-77). 2ª ed. New York: Wiley.

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.

Bornstein, M (2002). Preface. In M. H. Bornstein (Ed), *Handbook of parenting* (Vol.3, pp. xv-xvii). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Bugental, D. B. & Happaney, K. (2004). Predicting infant maltreatment in low. Income families: the interactive effects of maternal attributions and child status at birth. *Development Psychology*, 40, 234-243.

Canavarro, M. & Pereira. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.

Canavarro, M. & Pereira. (2007). A perceção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Ibero IDEP*, 24 (29), 193-210.

Coohey, C. (2006). Physically abusive fathers and risk assessment. *Child Abuse & Neglect*, 30, 467-480.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.

Fentz, H., Arendt, M., O'Toole, M., Rosenberg, N. & Hougaard, E. (2011). The role of depression in perceived parenting style among patients with anxiety disorders. *Journal of Anxiety Disorders*, 25, 1095-1101.

Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação: da Concepção à Realização*. Loures: Lusociência.

Freisthler, B., Merritt, D. & LaScala, E. (2006). Understanding the ecology of child maltreatment: a review of the literature and directions for the future research. *Child Maltreatment*, 11, 263-280.

Grusec, J.E., & Ungerer, J. (2003). Effective socialization as problem solving and the role of parenting cognitions. In L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of dynamics in parent-child relations* (pp. 211-228). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Holden, G. (2010). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousands Oaks, CA: Sage

Hoghughi, M. (2004). Parenting: an introduction. In M. Hoghughi & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice*. (pp.1-18). London: Sage

Housejnecht, s. K. & Hango, D. W. (2006). The impact of marital conflict and disruption on children's health. *Youth & Society*, 38, 58-89.

Hug, D., Tristan, J., Wade, E., & Stice, E. (2006). Does problem behavior elicit poor parenting? A prospective study of adolescent girls. *Journal of Adolescent Research*, 21, 185-204.

Kane, M. (2005). *Contemporary issues in parenting*. New York: Nova Science Publishers

Kotchick, B. & Forehand, R. (2006). Putting parenting in perspective: a discussion of the context factors that shape parenting practices. *Journal of Child and Family Studies*, 11, 255-269.

Lopes, M., Catarino, H., Dixe, M. (2010a). *Parentalidade nos primeiros três anos da criança: Stress e Coping auto relatados pelos pais*. Acedido em 1, julho, 2012, em <http://hdl.handle.net/10400.8/310>

Lopes, M., Catarino, H., Dixe, M. (2010b). *Estratégias de coping no exercício da parentalidade e a sua relação com os fatores sociodemográficos*. Acedido em 1, julho, 2012, em <http://hdl.handle.net/10400.8/309>

Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.

Maitra, (2005). *Studies in the assessment of parenting*. Florence: Routledge.

Mellon, R. & Moutavelis, A. (2011). Parental educational practices in relation to children's anxiety disorder-related behavior. *Journal of Anxiety Disorders*, 25, 829-834.

Michiels, D., Grietens, H., Onghena, P., & Kuppens, S. (2010). Perceptions of maternal and paternal attachment security in middle childhood: Links with positive parental affection and psychosocial adjustment. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 211-225.

Ogbu, J. (1995). Origins of human competence: A cultural ecological perspective. In N.R. Goldberger & J.B. Veroff (Eds). *The culture and psychology reader* (pp. 245-275). New York University Press.

ONU/UNICEF (1990). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. New York: Unicef. Retirado de: http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Palacios, J., Hidalgo, M.V., & Moreno, M.C. (2008). Familia y vida cotidiana. In M. J. Rodrigo & J. Palacios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 71-90). Madrid: Alianza Editorial.

Pereira, A.I.F., Canavarro, C., Cardoso, M.F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464.

Plomin, R. & Crabbe, J. (2000). DNA. *Psychological Bulletin*, 126, 806-828.

Quintão, S. (2010). *Validación de la versión portuguesa de la escala de ansiedad de Beck - BAI*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidad de Salamanca. Salamanca.

Reader, P., Duncan, S. & Lucey, C. (2005). *Studies in the assessment of parenting*. Florence: Routledge.

Reitman, D. & Asseff, J. (2010). Parenting practices and their relations to anxiety in young adulthood. *Journal of Anxiety Disorders*, 24, 565-572.

Respler-Herman, M., Mowder, B., Yasik, A. & Shamah, R. (2012). Parenting Beliefs, Parental Stres, and Social Support Relationships. *Journal Child Family Study*, 21. 190-198.

Rodrigo, M.J., & Palacios, J. (2008). Conceptos y dimensiones en el análisis evolutivo-educativo de la familia. In M. J. Rodrigo & J. Palacios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 45-70). Madrid: Alianza Editorial.

Rohner, R.P. (2004). The parental “acceptance-rejection syndrome”: Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59, 827-840.

Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

ANEXO I

Exmº Senhor Diretor do Centro de Estudos:

Susana Catarina Ribeiro do Espirito Santo Laland, Psicóloga, a realizar o Mestrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga, venho por este meio solicitar a vossa autorização para a realização de um estudo no Centro de Estudos / ATL de vossa propriedade.

O estudo intitula-se “A Perceção das Competências Parentais por Pais e Filhos: Fatores Determinantes” e relaciona-se com a influência dos estilos parentais educativos em crianças dos 6 aos 11 anos, que frequentem o Centro de Estudos / ATL no Distrito de Leiria.

Para a realização do presente estudo, utilizarei como métodos de colheita de dados o Questionário Sociodemográfico, os Questionários EMBU-C e Embu-P e o Inventário de Ansiedade de Beck, que serão preenchidos pelas crianças e respetivos pais.

Prevê-se que a colheita de dados seja realizada durante aproximadamente três meses, com a colaboração das crianças e seus pais que preencham os requisitos para fazer parte da amostra. Não será causado qualquer dano ao funcionamento dos serviços prestados pela vossa instituição.

Será obtido o consentimento informado dos participantes e garantidas a confidencialidade dos dados, a privacidade e o respeito pelas pessoas.

Solicito também o vosso consentimento para revelar o nome da instituição no relatório final deste estudo.

Agradeço a vossa compreensão e a vossa colaboração, na medida em que esta é indispensável para a concretização do estudo.

Atenciosamente,

Batalha, 1 de Abril de 2012

ANEXO II

CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo.(a) Sr.(a).

Sou aluna do Mestrado de Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga, em parceria com o Instituto Politécnico de Leiria e estou a realizar um trabalho de investigação sobre a temática “A percepção das Competências Parentais pelos Pais e Filhos” e gostaria de contar com a sua colaboração durante breves minutos para responder a algumas questões.

A sua colaboração é essencial mas é voluntária, as respostas são confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para esta pesquisa. A divulgação das informações será anónima, pelo que não tem que assinar nem escrever o seu nome em nenhum local do interior deste questionário.

É importante que seja o mais honesto possível e que responda a todas as questões deste questionário.

Este questionário é composto por algumas questões que visam a caracterização do agregado familiar e do seu funcionamento. Inclui ainda três escalas a EMBU-P que procura perceber a Percepção dos Pais sobre o seu Estilo Educativo Parental, a EMBU-C que procura compreender a Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo Parental do Pai e da Mãe e a IAB que procura avaliar o nível de ansiedade sentido pelos pais.

Se tiver alguma pergunta a fazer antes de decidir, sinta-se à vontade para esclarecer todas as suas dúvidas.

Os meus cumprimentos e agradecimentos.

Susana Lalanda

Data: ____/____/____

Hora: ____:____

Assinatura: _____

ANEXO III



Susana Lalanda <slalanda@gmail.com>

Pedido de Ajuda - Aluna de Mestrado

Susana Lalanda <slalanda@gmail.com>
Para mccanavarro@netcabo.pt

22 de Novembro de 2011 23:33

Exma. Sra. Professora,

Sou aluna de Mestrado de Psicologia Clínica e no âmbito da tese, pretendo desenvolver um estudo sobre as competências parentais, mais propriamente no âmbito da percepção das competências parentais da criança e dos pais.

Foi em reunião de orientação de tese, que a Orientadora Prof.^a Carolina Henriques, me deu a conhecer as escalas desenvolvidas por V. Exa. Todavia até ao momento não consegui acesso à escala, assim peço-lhe autorização para utilizar a sua escala (EMBU-C e EMBU-P) e que, caso seja, possível me envie os dados para a sua aplicação e cotação.

Caso não seja pedir muito, gostaria ainda que me indicasse alguma bibliografia no âmbito do objetivo do estudo.

Grata pela atenção dispensada,

Com os melhores cumprimentos,

--

Susana Catarina Lalanda



Susana Lalande
<slalanda@gmail.com>

Pedido de Ajuda - Aluna de Mestrado

Maria Cristina Canavarro <mccanavarro@netcabo.pt>

23 de Novembro de 2011 13:45

Para Susana Lalande <slalanda@gmail.com>

Cara Susana,

Está autorizada a utilizar as versões Portuguesas do EMBU-P e EMBU-C das quais sou autora e que envio em anexo.

Para conhecer dados relativos aos procedimentos de passagem e cotação, bem como informação sobre as características psicométricas dos instrumentos, deve consultar bibliografia indicada a propósito de cada instrumento na nossa página web <http://www.fpce.uc.pt/saude/instru.htm>.

Cumprimentos da

Maria Cristina Canavarro

.....

Maria Cristina Canavarro

mccanavarro@fpce.uc.pt

<http://www.fpce.uc.pt/saude/index.htm>

<http://www.huc.min-saude.pt/unipmaternidade>

ANEXO IV

EMBU-Crianças 6-12

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança:

Agora vamos falar um pouco sobre as coisas que acontecem em tua casa. Vais explicar-me como é que te sentes, o que dizem e o que fazem os teus pais, se às vezes se aborrecem contigo, se te fazem surpresas, oferecem prendas, etc.

Aqui estão algumas perguntas a que tu vais responder dizendo se o que te é perguntado não acontece NUNCA, se acontece ALGUMAS VEZES, se acontece MUITAS VEZES, ou se acontece SEMPRE.

Vamos ver como tu respondes:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Os teus pais dão-te um beijo antes de te deitares?	1	2	3	4
	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?	1	2	3	4
	1	2	3	4
2. Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?	1	2	3	4
	1	2	3	4
3. Se fazes algo mal, podes resolver a situação se pedires desculpa aos teus pais?	1	2	3	4
	1	2	3	4
4. Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...?	1	2	3	4
	1	2	3	4
5. Os teus pais proíbem-te de fazer coisas que os teus amigos podem fazer, por medo que te aconteça algo de mal?	1	2	3	4
	1	2	3	4
6. Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?	1	2	3	4
	1	2	3	4
7. Se as coisas te correm mal, achas que os teus pais te tentam compreender e ajudar?	1	2	3	4
	1	2	3	4
8. Quando fazes algo mal, os teus pais ficam tão tristes que te fazem sentir culpado?	1	2	3	4
	1	2	3	4
9. Achas que os teus pais te ajudam quando tens que fazer algo difícil?	1	2	3	4
	1	2	3	4
10. Tratam-te como o "mau da história" e deitam-te as culpas de tudo o que acontece em tua casa?	1	2	3	4
	1	2	3	4
11. Os teus pais gostavam que te parecesses com outra criança?	1	2	3	4
	1	2	3	4
12. Os teus pais demostram-te que estão contentes contigo?	1	2	3	4
	1	2	3	4
13. Achas que os teus pais confiam em ti e te deixam decidir coisas por tua conta?	1	2	3	4
	1	2	3	4
14. Achas que os teus pais te escutam e têm em conta as tuas opiniões?	1	2	3	4
	1	2	3	4

		Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
15. Os teus pais querem que lhes contes os teus segredos?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
16. Achas que os teus pais querem ajudar-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
17. Achas que os teus pais são "forretas" e "duros" contigo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
18. Os teus pais dizem-te coisas como esta: "Se fazes isto, vou ficar muito triste"?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
19. Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
20. Os teus pais fazem alguma coisa para que te divirtas e aprendas coisas (por exemplo comprar livros, procurar que saias num passeio, etc.)?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
21. Os teus pais dizem-te que te portas bem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
22. Os teus pais dizem-te que não te comprem algo para que não sejas um menino mimado?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
23. Sentes-te culpado quando não te comportas como os teus pais querem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
24. Quando estás triste os teus pais consolam-te e animam-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
25. Os teus pais dizem que não gostam da maneira como te comportas em casa?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
26. Os teus pais zangam-se ou chamam-te de preguiçoso à frente de outras pessoas?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
27. Os teus pais gostam de ti como és?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
28. Os teus pais batem-te sem motivo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
29. Os teus pais jogam contigo e participam nas tuas diversões?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
30. Os teus pais têm demasiado medo que te aconteça algo de mal?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
31. Os teus pais ficam tristes ou aborrecidos contigo sem te dizerem a razão?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
32. Se os teus pais estão contentes contigo, demonstram-te com abraços, beijos, carícias, etc.?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4

EMBU-PAIS

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança:

Nome Idade anos Código da criança

Data Quem responde a este questionário? ☐ Pai ☐ Mãe ☐ Pai e Mãe

O seu filho vive consigo (ou convosco)? ☐ Sim ☐ Não

Em caso negativo, há quantos anos que não vive(m) com o seu (vosso) filho? anos.

Quantos filhos tem? filhos. ☐ 1º ☐ 2º ☐ 3º ☐ 4º ☐ 5º outro

Que lugar ocupa este entre os irmãos? ☐ 1º ☐ 2º ☐ 3º ☐ 4º ☐ 5º outro

Mesmo que seja difícil explicar com exactidão como se relaciona ou se relaciona com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamentos que tem tido em relação ao seu filho. Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflecta o comportamento que tem ou teve para com o seu filho. **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá rodeá-la com um círculo**

Antes de seleccionar a resposta que julga ser a mais adequada, leia atentamente cada uma das quatro alternativas possíveis. Lembre-se que só pode escolher uma opção por pergunta. Não deixe nenhuma questão por responder. Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

Seguidamente, apresentamos um exemplo de como se devem responder às perguntas deste questionário:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Costuma bater no seu filho?	1	2	3	4
É carinhoso(a) com ele?	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?	1	2	3	4
2. Castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?	1	2	3	4
3. Tenta influenciar o seu filho para que ele venha a ser uma pessoa bem colocada na vida?	1	2	3	4
4. Deseja que o seu filho seja diferente em algum aspecto?	1	2	3	4
5. Acha que é demasiado severo (a) com o seu filho?	1	2	3	4
6. Decide como o seu filho deve vestir-se ou que aspecto deve ter?	1	2	3	4
7. Proíbe o seu filho de fazer coisas que outras crianças da idade dele fazem, por medo que lhe aconteça algo de mal?	1	2	3	4
8. Bate ou repreende o seu filho em frente de outras pessoas?	1	2	3	4
9. Preocupou-se em saber o que faz o seu filho na sua ausência?	1	2	3	4
10. Quando as coisas correm mal ao seu filho, tenta compreendê-lo e animá-lo?	1	2	3	4
11. Impõe ao seu filho mais castigos corporais do que ele merece?	1	2	3	4
12. Aborrece-se com o seu filho porque ele não o (a) ajuda nas tarefas de casa como gostaria?	1	2	3	4
13. Quando acha que o seu filho faz algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?	1	2	3	4
14. Conta a outras pessoas o que o seu filho faz ou diz, envergonhando-o com isso?	1	2	3	4
15. Mostra interesse em que o seu filho tire boas notas?	1	2	3	4
16. Ajuda o seu filho quando ele enfrenta uma tarefa difícil?	1	2	3	4
17. Diz ao seu filho frases como estas: "Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?	1	2	3	4
18. Fica triste por culpa do seu filho?	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
19. Tenta estimular o seu filho para que ele seja o melhor?	1	2	3	4
20. Demonstra ao seu filho que está satisfeito com ele?	1	2	3	4
21. Confia no seu filho de tal forma que o deixa actuar sob a sua própria responsabilidade?	1	2	3	4
22. Respeita as opiniões do seu filho?	1	2	3	4
23. Se o seu filho tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?	1	2	3	4
24. Quer estar ao lado do seu filho?	1	2	3	4
25. Acha que é, de alguma forma, "forreta" e "duro (a)" para com o seu filho?	1	2	3	4
26. Quando regressa a casa, o seu filho tem que dar-lhe explicações sobre o que fez ?	1	2	3	4
27. Tenta que a infância do seu filho seja estimulante, interessante e atractiva (por exemplo; dando-lhe bons livros, encorajando-o a participar em passeios e excursões, etc.)	1	2	3	4
28. Elogia o comportamento do seu filho?	1	2	3	4
29. Diz ao seu filho frases como estas: "É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?	1	2	3	4
30. Quando o seu filho está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?	1	2	3	4
31. Diz ao seu filho que não está de acordo com a forma de ele se comportar em casa?	1	2	3	4
32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do seu filho?	1	2	3	4
33. É brusco e pouco amável com o seu filho?	1	2	3	4
34. Castiga o seu filho com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?	1	2	3	4
35. Acha que o seu filho deseja que se preocupe menos com as actividades dele?	1	2	3	4
36. Participa activamente nos passatempos e diversões do seu filho?	1	2	3	4
37. Bate ao seu filho?	1	2	3	4
38. Coloca limitações estritas ao que o seu filho pode ou não fazer, obrigando-o a respeitá-las rigorosamente?	1	2	3	4
39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao seu filho?	1	2	3	4
40. Acha que há carinho e ternura entre si e o seu filho?	1	2	3	4
41. Fica orgulhoso(a) do seu filho quando ele consegue atingir um objectivo a que se tinha proposto?	1	2	3	4
42. Manifesta ao seu filho que está satisfeito com ele através de expressões física carinhosas como dar-lhe palmadas nas costas, abraçá-lo, etc.?	1	2	3	4

ANEXO V

QUESTIONÁRIO



Desde já agradecemos a sua disponibilidade.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Progenitor:

- Ter um filho a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico no Distrito de Leiria;
- Faixa etária entre 25 e 48 anos de idade;
- Possuir a Escolaridade Obrigatória;
- Concordar em participar no estudo, assinando o consentimento informado.

Criança:

- Ter entre 6 e 11 anos de idade;
- De ambos os sexos;
- Frequentar o 1º Ciclo numa escola no distrito de Leiria;
- Participar voluntariamente na investigação;
- Ter entre 6 e 11 anos de idade;

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

- Não ter um filho a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico no Distrito de Leiria;
- Faixa etária inferior a 25 anos ou superior a 48 anos de idade;
- Não possuir a Escolaridade Obrigatória;
- Não concordar em participar no estudo, recusando assinar o consentimento informado.

Código de Criança:

DADOS DEMOGRÁFICOS do Progenitor

1. Idade

_____ Anos

Mãe: ☐

Pai: ☐

2. Estado civil

- 1. Solteiro (a) ☐
- 2. União de facto ☐
- 3. Casado (a) ☐
- 4. Divorciado (a) ☐
- 5. Viúvo (a) ☐

3. Escolaridade

- 1. 1º Ciclo (até ao 4º ano) ☐
- 2. 2º Ciclo (5º e 6º ano) ☐
- 3. 3º Ciclo (7º ao 9º ano) ☐
- 4. Secundário (10º ao 12º ano) ☐
- 5. Pós-secundário (Cursos especialização tecnológica) ☐
- 6. Bacharelato ☐
- 7. Licenciatura ☐
- 8. Mestrado ☐
- 9. Doutoramento ☐

4. Área de residência

- 1. Aldeia ☐
- 2. Vila ☐
- 3. Cidade ☐

5. Distância da residência à escola

- 1. Menos de 5 Km ☐
- 2. 5 a 25 Km ☐
- 3. 26 a 50 Km ☐
- 4. Mais de 50 Km ☐

6. Grau de satisfação em relação ao estabelecimento de ensino

- | | | |
|----|---------------------|--------------------------|
| 1. | Nada satisfeito | ☐ |
| 2. | Pouco satisfeito | ☐ |
| 3. | Satisfeito | ☐ |
| 4. | Bastante satisfeito | ☐ |
| 5. | Muito satisfeito | ☐ |

DADOS SOCIAIS

7. Pessoas com quem coabita

- | | | |
|----|---------------------------|--------------------------|
| 1. | Sozinha | ☐ |
| 2. | Cônjuge | ☐ |
| 3. | Cônjuge e Filhos | ☐ |
| 4. | Filhos | ☐ |
| 5. | Outros parentes ou amigos | ☐ |

DADOS ECONÓMICOS

8. Situação profissional

- | | | |
|----|--------------------------------|--------------------------|
| 1. | Empregada por conta própria | ☐ |
| 2. | Empregada por contra de outrem | ☐ |
| 3. | Desempregada | ☐ |

9. Profissão

10. Rendimento mensal do agregado familiar

- | | | |
|----|----------------------|--------------------------|
| 1. | Menos de 500 euros | ☐ |
| 2. | De 500 a 750 euros | ☐ |
| 3. | De 751 a 1000 euros | ☐ |
| 4. | De 1001 a 2000 euros | ☐ |
| 5. | Mais de 2000 euros | ☐ |

DADOS do Agregado Familiar e da Criança

11. Idade da Criança: _____

12. Escolaridade:

1º Ano do 1º Ciclo ☐

2º Ano do 1º Ciclo ☐

3º Ano do 1º Ciclo ☐

4º Ano do 1º Ciclo ☐

13. Frequenta o Ensino:

Público ☐

Privado ☐

Semiprivado ☐

14. Composição do Agregado Familiar. Tem irmãos?

0. Não ☐

1. Sim ☐

Quantos? _____ Idades: _____

15. O seu educando frequenta Atividades Extracurriculares?

1. Não ☐

2. Sim ☐

15.1. Quantas Atividades Extracurriculares tem?

1 ☐

2 a 3 ☐

Mais de 4 ☐

15.2. Quais?

15.3. Com que frequência?

0-1 p/ semana ☐

2-3 p/ semana ☐

4-6 p/ semana ☐

Mais de 7 vezes p/ semana ☐

16. O seu educando frequenta um Centro de Estudos ou ATL?

Sim ☐ Não ☐

Qual a razão? _____

17. A que horas o seu educando chega à escola?

- | | | |
|----|-----------------|--------------------------|
| 1. | 7.30 – 8.30 | ☐ |
| 2. | 8.40 – 9.00 | ☐ |
| 3. | Depois das 9.00 | ☐ |

18. A que horas chega geralmente a casa?

- | | | |
|----|---------------------|--------------------------|
| 1. | Antes das 17.30hrs | ☐ |
| 2. | Entre 17.30 e 19.30 | ☐ |
| 3. | Depois das 19.30 | ☐ |

19. A que horas costuma deitar o seu educando?

- | | | |
|----|------------------------|--------------------------|
| 0. | Antes das 20.30 | ☐ |
| 1. | Entre as 20.30 – 21.30 | ☐ |
| 2. | Depois das 22.00 | ☐ |

Quem costuma deitar o educando? _____

20. Como costuma ocupar as suas noites?

- | | | |
|----|---------------|--------------------------|
| 1. | Ler | ☐ |
| 2. | Ver televisão | ☐ |
| 3. | Sair | ☐ |
| 4. | Outras | ☐ |

Quais? _____

Muito obrigado pela sua colaboração.

ANEXO VI

Código de Criança:

Mãe: ☐ Pai: ☐

Data: ____/____/____

Abaixo está uma lista de sintomas comuns de ansiedade. or favor, leia cuidadosamente cada item da lista. Identifique o quanto você tem sido incomodado por cada sintoma durante a **última semana, incluindo hoje**, colocando um “x” no espaço correspondente, na mesma linha de cada sintoma.

	Absolutamente não	Levemente Não me incomodou muito	Moderadamente Foi muito desagradável mas pude suportar	Gravemente Difícilmente pude suportar
1. Dormência ou formigamento				
2. Sensação de calor				
3. Tremores nas pernas				
4. Incapaz de relaxar				
5. Medo que aconteça o pior				
6. Atordoado ou tonto				
7. Palpitação ou aceleração do coração				
8. Sem equilíbrio				
9. Aterrorizado				
10. Nervoso				
11. Sensação de sufocação				
12. Tremores nas mãos				
13. Trêmulo				
14. Medo de perder o controle				
15. Dificuldade de respirar				
16. Medo de morrer				
17. Assustado				
18. Indigestão ou desconforto no abdômen				
19. Sensação de desmaio				
20. Rosto afogueado				
21. Suor (não devido ao calor)				